

Aprendendo a **Orar** com **Jesus**

O Pai Nosso como Caminho
de Intimidade na Oração

RENAN GOMES DOS SANTOS



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Renan Gomes dos

Aprendendo a orar com Jesus [livro eletrônico] : o
Pai-Nosso como caminho de intimidade na oração /
Renan Gomes dos Santos. -- 1. ed. -- João Pessoa, PB
: Contatos Empreendimentos, 2026.

PDF

ISBN 978-65-83514-20-2

1. Cristianismo 2. Intimidade (Psicologia) -
Aspectos religiosos - Cristianismo 3. Jesus Cristo -
Ensinamentos 4. Oração 5. Pai-Nosso - Interpretação
I. Título.

26-369700.0

CDD-226.96

Índices para catálogo sistemático:

1. Pai Nosso : Oração : Cristianismo 226.96

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

DEDICATÓRIA

Ao Deus Triúno — Pai, Filho e Espírito Santo — Senhor da minha vida e fonte de toda sabedoria, tributem-se toda honra e toda glória. Por Sua infinita misericórdia, sustentou-me durante esta jornada, fortaleceu-me em minhas limitações, iluminou meu entendimento e ouviu minhas orações. Sua graça, sempre suficiente, tornou possível a realização desta obra. À minha amada esposa, Robélia Martins Santos, pelo companheirismo, amor, compreensão e constante incentivo. À minha querida mãe, Maria de Lourdes Gomes dos Santos, pelo cuidado, dedicação, encorajamento e valiosa contribuição na leitura e na avaliação desta obra. Ao meu amado pai, José Renan dos Santos, pelo testemunho de uma vida de oração, e à minha irmã (mana), Camila Gomes dos Santos, pelo carinho, apoio e incentivo em cada etapa desta caminhada. Aos meus sogros, aos familiares e, de modo especial, à minha tia Inês, por toda cooperação, incentivo e apoio oferecidos ao longo desta trajetória. Ao meu orientador, professor Leandro Gouvea de Albuquerque, pela orientação segura, disponibilidade, incentivo e orações. À revisora gramatical, Edenia Brito, pelo excelente trabalho de revisão e pelas valiosas contribuições ao aprimoramento do texto. Ao revisor teológico, Leonardo José Nunes Félix, pela criteriosa análise da obra e pela dedicação demonstrada em cada observação. À Assessoria Contatos, representada por Rosilene Félix e sua equipe, pelo profissionalismo na diagramação e na publicação deste livro. À Oitava Igreja Evangélica Congregacional de João Pessoa, ao seu corpo de oficial, pela irmandade, amor e cuidado mútuo, agradeço ao meu líder espiritual pastor Marcone Wellington Lopes Germano e a sua família, pelo cuidado espiritual e apoio ministerial. Com especial carinho, à Congregação da Oitava Igreja Evangélica Congregacional de João Pessoa, a qual tenho enorme carinho, alegria, pelo amor, comunhão e encorajamento constantes. Ao Seminário de Formação Teológica Betel Brasileiro, ao Seminário Teológico Evangélico Congregacional e a todos os professores, colegas e colaboradores que fizeram parte da minha formação teológica. Por fim, a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que esta obra se tornasse realidade, registro minha sincera gratidão. Soli Deo Gloria.

PREFÁCIO

Este livro nasceu de uma inquietação sincera: como é possível que a oração mais conhecida do cristianismo seja, ao mesmo tempo, uma das menos compreendidas em sua profundidade? O Pai-Nosso é frequentemente repetido, mas nem sempre vivido como Jesus o ensinou. Mais do que uma fórmula, essa oração é um caminho de transformação, comunhão e submissão à vontade de Deus.

Esta obra não surgiu apenas de um exercício acadêmico, mas de uma caminhada pessoal de fé, serviço e reflexão à luz das Escrituras. Ao longo dessa jornada, tornou-se evidente que muitos cristãos correm o risco de transformar a oração em um hábito mecânico, quando ela foi estabelecida por Deus como um meio de graça para moldar o coração do discípulo, segundo a vontade de Cristo. Por isso, este livro convida o leitor a reaprender a orar com Jesus, permitindo que Ele reorganize nossas prioridades, revele nossas reais necessidades e fortaleça nossa comunhão com o Pai.

O Pai Nosso inicia com a glória de Deus, antes de tratar das necessidades humanas. Ensina-nos a santificar o nome do Senhor, buscar o Seu Reino e submeter-nos à Sua vontade, para, somente depois, apresentar nossas necessidades diárias, o perdão e o livramento do mal. Essa ordem revela que a verdadeira oração não gira em torno do homem, mas da glória de Deus, conduzindo o discípulo à dependência do Pai e ao amor pelo próximo.

Este livro foi escrito para aqueles que desejam crescer em sua vida de oração e compreender os princípios permanentes ensinados por Cristo. Seu propósito não é oferecer fórmulas ou métodos, mas conduzir o leitor a uma espiritualidade bíblica, marcada pela reverência, pela obediência e pela confiança na soberania de Deus. Ao longo de cada capítulo, o convite é para refletir, confrontar o próprio coração e permitir que o Espírito Santo molde a vida segundo a Palavra.

Se, ao final desta leitura, suas orações refletirem maior reverência, dependência e submissão ao Senhor; se sua comunhão com Deus for fortalecida e seu compromisso com a vontade do Pai se tornar mais profundo, então, esta obra terá alcançado seu propósito. Que o Pai-Nosso deixe de ser apenas uma oração conhecida e se torne um modelo permanente para sua caminhada cristã, conduzindo-o a viver para a glória de Deus em todas as áreas da vida.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 COMEÇAR A ORAR: POR QUE JESUS NOS ENSINOU A ORAR?.....	9
2.1 A ORAÇÃO NA HISTÓRIA DO POVO DE DEUS: UM RELACIONAMENTO EM CONSTRUÇÃO	12
2.2 A ORAÇÃO NA NOVA ALIANÇA: JESUS E O NASCIMENTO DE UMA INTIMIDADE VIVA	16
3 A ORAÇÃO DE JESUS: A FONTE DO PAI-NOSSO E DA INTIMIDADE COM O PAI.....	20
3.1 O CENÁRIO DA ORAÇÃO DO PAI-NOSSO: JESUS ENSINA A ORAR	26
3.2 APRENDENDO A ORAR COM CRISTO: A EXPERIÊNCIA DOS DISCÍPULOS	39
3.2.1 Pai Nosso: Relação da Obediência Amorosa do Autêntico Filho	40
3.2.2 “Nos Céus”: Exaltando o Pai com Coração de Filho	45
3.2.3 Santificado Seja o Teu Nome: Deus como Centro do Coração do Filho ...	49
3.2.4 Venha o Teu Reino: A Oração que nos Confronta	53
3.2.5 Seja feita a tua vontade- O Descanso da Rendição do filho	58
3.3 ORAÇÃO E AMOR AO PRÓXIMO: VIVENDO O PAI-NOSSO COMO DISCÍPULOS E FILHOS	62
3.3.1 O Pão Nosso de Cada Dia: Dependência que Gera Gratidão: Dependência que Gera Gratidão	64
3.3.2 "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”: A Oração que Cura a Alma	68
3.3.3 Livra-nos do Mal: Vigiar Até o Fim.....	72
4 A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO: CAMINHO DE AVIVAMENTO PARA FILHOS E DISCÍPULOS DO SENHOR	78
4.1 PAI NOSSO – FUNDAMENTO DO AVIVAMENTO.....	82
4.2 NOS CÉUS – REVERÊNCIA E SOBERANIA	83
4.3 SANTIFICADO SEJA O TEU NOME – VIDA DE SANTIDADE.....	84
4.4 VENHA O TEU REINO – SUBMISSÃO E PROPÓSITO.....	85

4.5 SEJA FEITA A TUA VONTADE – HUMILDADE E QUEBRANTAMENTO	86
4.6 O PÃO NOSSO DE CADA DIA – DEPENDÊNCIA E GRATIDÃO	87
4.7 PERDOA-NOS – A ORAÇÃO QUE CURA A ALMA	88
4.8 LIVRA-NOS DO MAL – VIGILÂNCIA E PROTEÇÃO	89
5 CONCLUSÃO	91
REFERÊNCIAS.....	94

1 INTRODUÇÃO

A oração do Pai-Nosso ocupa lugar central neste livro por reunir, de forma singular, os princípios que Jesus ensinou acerca da vida de comunhão entre o discípulo e Deus. Mais do que uma oração a ser repetida, ela apresenta o modelo pelo qual os seguidores de Cristo são chamados a aproximar-se do Pai, ordenar suas prioridades e viver em conformidade com a Sua vontade. À medida que o discípulo compreende e pratica esses ensinamentos, cresce em intimidade com Deus, amadurece na fé e reflete essa transformação em seus relacionamentos.

Entretanto, a compreensão equivocada da oração tem levado muitos cristãos a reduzi-la a um hábito religioso ou a uma prática meramente mecânica. Quando a oração perde seu verdadeiro significado, enfraquece-se também a comunhão com Deus, comprometendo o crescimento espiritual e substituindo a dependência do Senhor por uma religiosidade superficial. Diante dessa realidade, torna-se indispensável retornar ao modelo de oração ensinado por Cristo, reconhecendo o Pai-Nosso como um caminho de formação espiritual para todo discípulo.

Este livro busca destacar os princípios da oração que agradam ao Senhor, fundamentando-se especialmente em Mateus 6.9–13. A oração do Pai-Nosso resume, de forma prática, os princípios que Deus sempre desejou do Seu povo. Assim como os Dez Mandamentos sintetizam os deveres do homem para com Deus e para com o próximo, a oração ensinada por Jesus conduz o discípulo nessas mesmas dimensões da vida cristã.

Em sua primeira parte, volta o coração para Deus, chamando-o à adoração, à santificação do Seu nome, à busca do Seu Reino e à submissão à Sua vontade. Na segunda, dirige o olhar às necessidades humanas, ensinando a dependência da providência divina, a prática do perdão e a perseverança diante das tentações e do mal. Assim, o Pai-Nosso revela que a verdadeira comunhão com Deus manifesta-se também no amor e no cuidado para com o próximo.

Com base nessa perspectiva, esta obra demonstra que a oração não foi instituída como uma prática meramente devocional, mas como um meio de graça pelo qual Deus conforma seus filhos à imagem de Cristo. Fundamentado nas Sagradas Escrituras, esse livro procura evidenciar que a oração não é um meio de persuadir Deus a conformar a sua vontade aos desejos humanos, mas um instrumento da graça

pela qual o Espírito Santo conforma o coração do discípulo à vontade soberana de Deus, conduzindo-o a viver para a glória do Senhor.

A obra inicia apresentando a oração no contexto da revelação bíblica, percorrendo seu desenvolvimento na Antiga e na Nova Aliança. Em seguida, examina o contexto histórico e teológico do Pai-Nosso e o significado de cada uma de suas petições. Por fim, demonstra como esse modelo de oração conduz o discípulo a uma vida de santidade, dependência, comunhão, amor ao próximo e avivamento espiritual.

Ao longo desta exposição, torna-se evidente que a oração ensinada por Cristo não foi dada apenas para ser pronunciada, mas para moldar o caráter, as prioridades e a caminhada daqueles que pertencem ao Reino de Deus. Vividos com sinceridade, seus princípios conduzem o discípulo a uma comunhão mais profunda com o Pai, fortalecem sua fé, transformam seus relacionamentos e o capacitam a viver para a glória de Deus, durante toda a peregrinação cristã.

CONEXÃO PESSOAL

Como tenho orado? Minha oração revela uma verdadeira comunhão com Deus ou apenas a repetição de palavras? Tenho colocado o Senhor em primeiro lugar em meus pensamentos, decisões e desejos? Tenho buscado a sua vontade, reconhecido minha dependência diária, praticado o perdão e confiado nele, diante das tentações? Mais do que ensinar uma oração a ser recitada, Jesus apresenta, por meio do Pai-Nosso, o modelo de uma vida orientada pela comunhão com Deus e pelo amor ao próximo. Ao iniciar esta leitura, sou convidado a refletir: minha vida tem sido moldada pelos princípios da oração que Cristo ensinou?

2 COMEÇAR A ORAR: POR QUE JESUS NOS ENSINOU A ORAR?

À luz das Sagradas Escrituras, o significado do substantivo oração é muito amplo e pode ser entendido de várias maneiras. Porém, neste livro, a oração será apresentada, de forma simples, em três sentidos principais: como um relacionamento pessoal com Deus, uma comunicação direta entre a pessoa que ora e o Senhor, e também como uma prática de devoção e obediência ensinada por Cristo aos seus discípulos.

A oração mostra, antes de tudo, que o Senhor é um Deus pessoal, que se relaciona com suas criaturas, ouvindo, respondendo e agindo conforme sua vontade. A Palavra de Deus declara: “E esta é a confiança que temos nele: que, se pedirmos alguma coisa segundo a sua vontade, ele nos ouve” (1 Jo 5,14-15). Deus é supremo, livre para agir e não está limitado a absolutamente nada. Ainda assim, dentro da sua vontade perfeita, ele estabeleceu a oração como um caminho para aqueles que lhe pertencem. Por isso, Jesus deixou a oração do Pai Nosso como modelo para os seus discípulos (Mt 6,9-13), ensinando que podemos apresentar diante de Deus nossos pensamentos, sentimentos, necessidades e desejos, sempre buscando compreender e viver sua vontade.

A oração é um dos meios estabelecidos por Deus para cumprir os seus propósitos no tempo determinado por ele. Entretanto, isso não significa que a oração altere aquilo que Deus, em Sua soberania, já decretou. O Senhor permanece no controle absoluto de todas as coisas, e nada acontece fora da sua vontade e da providência. Por essa razão, Jesus ensinou seus discípulos a orarem: “Seja feita a tua vontade” (Mt 6,10). Assim, orar não é buscar convencer Deus a realizar os nossos desejos, mas submeter o coração à sua vontade, aprendendo a confiar, descansar e perseverar na certeza de que seus propósitos são sempre perfeitos, mesmo quando não os compreendemos plenamente.

A Bíblia apresenta um Deus que criou o ser humano à sua imagem e semelhança (Gn 1,26-27), com o propósito de viver em relacionamento com ele. Esse relacionamento cresce através do conhecimento de Deus, revelado nas Sagradas Escrituras. Por isso, a oração é uma resposta de amor e confiança ao Pai. Quando Jesus ensinou: “Pai nosso [...]” (Mt 6,9), mostrou que quem ora pode se aproximar de Deus, de maneira íntima e sincera. Quanto mais conhecemos a Deus, mais

entendemos sua vontade. Por isso Jesus ensinou: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6,9), “Venha o teu reino” (Mt 6,10) e “Seja feita a tua vontade” (Mt 6,10).

A oração é uma conversa com Deus. É o momento em que apresentamos nossas necessidades, agradecimentos, lutas e sentimentos diante do Senhor. A Bíblia mostra que os filhos de Deus têm o privilégio de se aproximar do Pai pelo poder do Espírito Santo (Gl 4,5-6). Conforme Keller (2016):

A oração é a única porta para o autoconhecimento genuíno. É também a principal maneira de experimentarmos profunda transformação — a reordenação dos nossos afetos. A oração é o modo pelo qual Deus nos concede muitas das coisas inimagináveis que tem para nós. Aliás, do ponto de vista de Deus, a oração confere confiabilidade para que ele nos dê muitas das coisas que mais desejamos. É a maneira de conhecermos a Deus, o caminho para, enfim, tratá-lo como Deus. A oração nada mais é que a chave para tudo o que precisamos fazer e ser na vida. (Keller, 2016, p. 25)

A verdadeira oração não transforma apenas situações ao nosso redor, mas também transforma nosso coração, nossos sentimentos e nossa maneira de viver. A oração também é uma maneira de agradecer ao Senhor e adorá-lo. É como um caminho de aproximação entre Deus e o discípulo de Cristo. Enquanto o cristão fala com Deus em oração, Deus também responde com sua graça, direção e cuidado. Isso mostra que a oração não é apenas apresentação de pedidos a Deus, mas também desenvolver proximidade e comunhão com Ele, como registra Hernandez Dias Lopes em seu livro:

A oração é uma via de mão dupla, onde nos deleitamos em Deus e Deus tem prazer em nós. Não apenas Jesus buscava intimidade com o Pai, mas também o Pai tinha prazer em seu filho unigênito. “...e eis, vindo na nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu filho amado, em quem me comprazo...” (Mt 17:5). (Lopes, 2000, p. 70)

É por meio da oração que o ser humano apresenta a Deus seus sonhos, dificuldades, dores e necessidades. Ao orar, o discípulo abre o coração diante do Senhor, confiando que ele ouve e responde conforme a sua perfeita vontade. A oração não se fundamenta no esforço humano nem em fórmulas repetidas ou palavras decoradas, mas em um relacionamento sincero e vivo com Deus. Trata-se de um exercício de comunhão, dependência e fé, no qual o cristão se aproxima livremente do Pai para expressar sua adoração, gratidão, lamentos, confissões e súplicas. Diante da profundidade e do mistério que envolvem a oração, compreendê-la exige

reconhecer que ela transcende a simples prática religiosa, conforme destaca o artigo a seguir:

A oração é um fenômeno religioso universal de comunicação com a divindade. É com a oração que as pessoas se erguem até Deus na busca de se unirem a Ele. O diálogo com Deus possibilita a presença do sagrado, do infinito e a comunhão com Ele. (Dantas et al 2019, p.164)

As Escrituras revelam que Deus, em sua soberania, não depende das orações dos seus discípulos para cumprir os seus propósitos. Ainda assim, em sua graça e sabedoria, ele estabeleceu a oração como um meio pelo qual seus filhos se relacionam com Deus, expressam sua dependência e participam da realização da Sua vontade. A oração, portanto, não existe, porque Deus necessite dela, mas porque nós precisamos de comunhão com o Senhor. Por meio desse precioso meio de graça, o cristão é fortalecido na fé, conformado à vontade de Deus e conduzido a uma vida de maior intimidade com o Pai.

Jesus Cristo é o exemplo supremo de uma vida de oração, marcada por perfeita obediência, constante comunhão e completa submissão à vontade do Pai. Ao ensinar seus discípulos a orar, Cristo não apresentou a oração como um simples dever religioso, mas como um privilégio concedido por Deus e um caminho para uma vida de comunhão, dependência e transformação. A verdadeira felicidade não consiste na realização dos próprios desejos, mas em viver segundo a vontade soberana do Senhor. É nessa comunhão cultivada por meio da oração que o cristão encontra a verdadeira alegria, a paz e o pleno contentamento em Deus, desfrutando da Sua presença e sendo sustentado por sua graça ao longo de toda a caminhada cristã.

CONEXÃO PESSOAL

Como tenho compreendido a oração? Tenho me aproximado de Deus apenas para apresentar meus pedidos ou tenho buscado, por meio dela, conhecê-lo, depender dele e submeter minha vida à sua vontade? Quando oro, desejo apenas que Deus realize os meus desejos ou tenho aprendido a descansar em sua soberania? Ao começar esta caminhada sobre a oração ensinada por Jesus, estou disposto a permitir que o Pai-Nosso examine não apenas minhas palavras, mas também meu coração, minhas prioridades e minha maneira de viver diante de Deus? A oração ensinada por Cristo não deve ser compreendida apenas como palavras a serem repetidas, mas

como um caminho que conduz o discípulo a uma vida de comunhão, dependência e submissão ao Pai.

2.1 A ORAÇÃO NA HISTÓRIA DO POVO DE DEUS: UM RELACIONAMENTO EM CONSTRUÇÃO

Neste livro, será apresentado um entendimento mais amplo sobre a oração na Antiga Aliança, observando como homens de Deus, como os patriarcas, os profetas e os salmistas, desenvolveram seus relacionamentos com o Senhor ao longo da história bíblica. O objetivo é mostrar, de forma simples, como a oração sempre esteve ligada a um relacionamento pessoal com Deus, sendo uma conversa sincera entre o ser humano e o Criador. Esse relacionamento não era algo distante, mas uma aproximação com um Deus que se revela ao seu povo, faz promessas e estabelece uma aliança com aqueles que o seguem. Isso não é diferente do que Jesus ensinou aos seus discípulos na oração do Pai Nosso.

A oração, desde o começo, evidenciada na história bíblica, aparece como um caminho de aproximação entre Deus e as pessoas. Nas Escrituras, um dos primeiros registros ligados à oração acontece no período patriarcal, na geração de Sete: “E a Sete também nasceu um filho; e chamou o seu nome Enos; então se começou a invocar o nome do Senhor.” (Gn 4,26). Esse texto mostra um princípio importante: o ser humano começou a buscar ao Senhor, reconhecendo sua dependência dele e apresentando diante de Deus suas necessidades por meio da fé e de uma comunicação direta com o Criador.

Essa invocação deve ser entendida como um clamor sincero, uma busca por Deus e uma demonstração de confiança nele. A oração transmite a ideia de proximidade com Deus, mostrando que o Senhor deseja ser conhecido e buscado pelo seu povo. Mesmo existindo uma diferença entre o período da geração de Sete, no Antigo Testamento, e os discípulos de Cristo, no Novo Testamento, o princípio continua sendo o mesmo: dependência de Deus e relacionamento com Ele. Mais tarde, esse ensinamento também foi reafirmado por Jesus quando ensinou: “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6,9), revelando uma relação de intimidade, reverência e confiança no Senhor. Essas palavras expressam o relacionamento íntimo e reverente entre Deus e seu povo, cujo significado será descrito posteriormente.

O original hebraico para o termo “invocar” significa não somente buscar uma bênção no nome do Senhor, mas chamar-se a si próprio pelo nome do Senhor. Coletivamente, isso implica em reconhecer o propósito bom de Deus para todos e tomar lugar como seu povo. (Robert; Zenas, 2007. p. 32-33).

A oração também aparece, de forma muito clara, na vida de Abraão, mostrando um relacionamento familiar e sincero com Deus. Em um momento de sua caminhada, Abraão fala abertamente com o Senhor sobre sua tristeza por ainda não ter filhos, e o único que tinha em seu lar, era o servo que nasceu em sua casa, e questiona a Deus se seria possível adotar o Eliezer (Gn 15,2-3)¹, e Deus o responde, que ele terá o seu próprio filho (Gn 15,4)². Esse diálogo mostra algo muito importante sobre a oração: Deus não apenas ouve, mas também responde de maneira clara e pessoal.

A oração não envolve somente pedidos, mas um relacionamento de confiança, dependência e comunhão com Deus. Abraão não escondeu sua dor nem suas dúvidas; pelo contrário, apresentou tudo diante do Senhor. Do mesmo modo, Jesus ensina seus discípulos a desenvolverem uma relação de proximidade com Deus, marcada por respeito, dependência e confiança, ao ensinar: “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6,9).

O segundo período que nos ajuda a entender um pouco mais acerca do conceito da oração na história do povo de Deus é a partir de alguns profetas. Nesse período, a oração aparece de forma muito espontânea e ligada às necessidades do povo. Os profetas eram escolhidos por Deus para serem sua voz diante das pessoas, anunciando sua vontade, alertando sobre erros e também intercedendo pelas dificuldades do povo. Porém, os profetas não estavam livres de suas próprias lutas, medos e necessidades pessoais. Antes mesmo de serem usados publicamente por Deus, eles também precisavam aprender a depender do Senhor em suas próprias vidas, até mesmo antes de ser comissionado por Deus para agir em público, como também são apresentados os pedidos específicos sociais na oração do Pai nosso (Mt 6,11-13), o profeta Isaías também expressa suas petições:

“Então disse eu: Ai de mim! Pois estou perdido; porque sou um homem de lábios impuros, e habito no meio de um povo de impuros lábios; os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos. Porém um dos serafins voou para mim, trazendo na sua mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz;

¹ Gn 15,2 “Então disse Abrão: Senhor DEUS que me hás de dar, pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer?

² Gn 15,4 “E eis que veio a palavra do Senhor a ele dizendo: Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de tuas entranhas sair, este será o teu herdeiro.”

E com a brasa tocou a minha boca, e disse: Eis que isto tocou os teus lábios; e a tua iniquidade foi tirada, e expiado o teu pecado. Depois disto ouvi a voz do Senhor, que dizia: A quem enviarei, e quem há de ir por nós? Então disse eu: Eis-me aqui, envia-me a mim. Então disse ele: Vai, e dize a este povo: Ouvis, de fato, e não entendeis, e vedes, em verdade, mas não percebeis. Engorda o coração deste povo, e faze-lhe pesados os ouvidos, e fecha-lhe os olhos; para que ele não veja com os seus olhos, e não ouça com os seus ouvidos, nem entenda com o seu coração, nem se converta e seja sarado. Então disse eu: Até quando Senhor? E respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada. E o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. Porém ainda a décima parte ficará nela, e tornará a ser pastada; e como o carvalho, e como a azinheira, que depois de se desfolharem, ainda ficam firmes, assim a santa semente será a firmeza dela.” (Bíblia, Isaías, 6,5-13, Online).

Ao observar esse texto, percebe-se que o profeta Isaías reconheceu suas limitações, diante da grandeza de Deus. Antes de ser enviado para cumprir sua missão, ele reconheceu a sua necessidade de mudança, perdão e ajuda divina. Isso mostra que a oração também é um lugar de sinceridade diante do Senhor. Isaías não fingiu estar forte ou perfeito; ele reconheceu sua fragilidade e se colocou diante de Deus com humildade. A oração aparece aqui como um ato de honra e respeito profundo a Deus. Quando Isaías ouviu: “Santo, Santo, Santo [...]” (Is 6,3), ele compreendeu a grandeza daquele diante de quem estava. A oração também se torna um meio de apresentar nossas necessidades, dores e situações que muitas vezes não conseguimos resolver sozinhos. Além disso, orar é um ato de confiança em Deus, um momento de gratidão, louvor e entrega, assim como fez o profeta Isaías.

O discípulo de Cristo também aprende importantes ensinamentos sobre a oração por meio do profeta Jeremias. Ao observar suas reflexões e experiências diante de Deus, ele compreende que o maior propósito da oração não está limitado ao recebimento daquilo que deseja, mas no crescimento de seu relacionamento com o Senhor. A oração conduz o discípulo a conhecer mais profundamente a Deus, confiar em Sua vontade soberana e desenvolver uma vida marcada por dependência, comunhão e intimidade com o Pai:

A principal finalidade da oração não é a obtenção dos objetos desejados, mas o desenvolvimento gradual de um relacionamento com Deus, que seja compatível com seu caráter e autoridade. Em consequência, algumas orações refletem o desespero enquanto outras repercutem a obediência, a submissão e a rendição à vontade divina. A oração atinge seu apogeu quando do coração flui um clamor sincero para que “seja feita a tua vontade!” A honra de Deus — “por amor do teu nome” (Jr 14.21) - deve ser o propósito último de toda e qualquer oração que elevemos a Ele. “Por amor a Jesus” é a melhor expressão desse propósito. (Robert; Zenas, 2007, p. 141).

Esse ensinamento revela ao discípulo de Cristo que algumas orações nascem do desespero, outras da dor, outras da gratidão, contudo, todas devem conduzi-lo para uma maior proximidade com Deus. A verdadeira profundidade da oração é alcançada quando o discípulo aprende a se render à vontade do Senhor e a declarar sinceramente: “Seja feita a tua vontade”, mesmo quando isso é difícil. A oração não deve ter como objetivo principal apenas receber bênçãos, mas aprender a viver conforme o coração de Deus, honrando seu nome acima dos nossos desejos. Como diz Jeremias: “Por amor do teu nome” (Jr 14,21).

A última exposição da definição da oração na Antiga Aliança, estará sendo exposta a partir da síntese registrada nas orações dos saltérios, neles encontram-se várias experiências do povo de Israel diante de Deus. Os salmistas oravam em diferentes momentos da vida: em tempos de alegria, medo, tristeza, pecado, gratidão e esperança. Nos Salmos, encontramos orações de louvor e adoração³, petição⁴, confissão⁵, exaltação⁶, entre outros. Ao observar os salmistas, percebe-se o quanto eles dependiam de Deus e conheciam profundamente o Senhor. Eles apresentavam suas emoções com sinceridade, mostrando que a oração não precisa ser perfeita, mas verdadeira.

A oração no Antigo Testamento mostra um Deus grande, poderoso e acima de tudo e todos, mas também um Deus próximo, que se revela ao seu povo e permite que os seus discípulos falem com ele pela fé. Através desse caminho de graça, que são as orações feitas em seu nome e de comum acordo com a sua vontade, o povo apresenta suas necessidades e aprendem a depender do Senhor. Da mesma forma, a oração do Pai Nosso mostra a todos os discípulos de Cristo como viver uma relação de proximidade, confiança e dependência no Deus que continua agindo em favor do seu povo conforme Sua vontade.

CONEXÃO PESSOAL

Ao olhar para a história do povo de Deus, como tenho desenvolvido meu relacionamento com o Senhor por meio da oração? Tenho me aproximado dele com

³ Cf. Sl 9,1-2; Sl 18,1-3

⁴ Cf. Sl 5,8; Sl 6,2-3

⁵ Cf. Sl 32,5; Sl 51,1-5

⁶ Cf. Sl 8,1; Sl 36,5-7

a sinceridade de Abraão, a humildade de Isaías e a dependência expressa pelos salmistas? Quando oro, tenho buscado apenas respostas para minhas necessidades ou também tenho aprendido a conhecer mais profundamente a Deus e a submeter-me à sua vontade? A história da oração nas Escrituras nos conduz a uma pergunta essencial: minha vida de oração tem sido um verdadeiro relacionamento de comunhão, dependência e confiança no Senhor?

2.2 A ORAÇÃO NA NOVA ALIANÇA: JESUS E O NASCIMENTO DE UMA INTIMIDADE VIVA

A oração na Nova Aliança alcança novas dimensões a partir da vinda de Jesus Cristo, o filho de Deus, enviado ao mundo em cumprimento às promessas anunciadas no AT⁷, não somente se restringindo aos Israelitas da Antiga Aliança, mas partindo da Nova Aliança, a partir do verbo de Deus, que se encarna na pessoa de Jesus Cristo e tem sua plenitude cumprida nele, estabelece a universalidade a todos de sua aliança.⁸

A oração na Nova Aliança está centralizada na segunda pessoa da Santíssima Trindade, o Filho de Deus encarnado, não desconsiderando que é por meio da fé em Cristo que o discípulo do Senhor passa a ter acesso à comunhão e à comunicação com o Pai, e que a resposta da fé do cristão ocorre por meio do Cristo mediador do Deus-Pai. O evangelho ensina ao seu povo a orar em nome de Jesus, não a uma recitação do nome dele, mas a comunhão do fiel a Jesus pelo cristão tem acesso a Deus, cujo significado:

“Orar em nome de Jesus” quer dizer, a princípio, que, em orando, os discípulos continuam a ter necessidade da sua presença do próprio Jesus, da mesma forma como a tinham durante sua vida terrena, e que essa ajuda lhes é concedida, pois ele não estará ausente. “Até agora não tendes pedido em meu nome”, diz Jesus (Jo, 16,24). Com efeito, quando ele estava encarnado, estava junto deles intercedendo por eles. Doravante, deve-se invocar em seu nome para que a sua ajuda na oração lhes seja ofertada. (Cullmann, 2009, p. 227).

⁷ Antigo Testamento.

⁸ Cf. Jo 1,12-13; Gl 4,4-5

A abordagem da oração no NT⁹ pode ser bem ampla, tornando necessário limitar a reflexão nos aspectos fundamentais da reflexão da oração como um encontro com Deus, cujo objetivos serão expostos neste livro.

A oração ensinada por Cristo será observada a partir de dois pontos principais. O primeiro é entender que a oração deve estar ligada ao cumprimento da vontade de Deus. Isso significa que orar não é apenas buscar aquilo que queremos ou aquilo que faz o discípulo se sentir bem, mas aprender a desejar aquilo que Deus deseja para ele. O segundo ponto é perceber como Deus age dentro do coração humano através da oração, trazendo mudança interior e crescimento espiritual. A oração da Nova Aliança ensina ao discípulo, que Deus não está interessado apenas em, segundo a sua vontade, solucionar problemas externos, mas também em transformar o interior a quem ora. Muitas vezes, enquanto o discípulo vai em busca das respostas, Deus trabalha primeiro em seu coração.

O primeiro ensinamento importante sobre a oração é que ela deve conduzir ao cumprimento da vontade de Deus. Jesus ensinou aos seus discípulos a viver uma vida de santificação, ou seja, uma vida separada para Deus, marcada pela obediência e pela transformação.

O próprio Jesus orou ao Pai por seus discípulos, pedindo que fossem santificados na verdade de Deus. Esse assunto será aprofundado mais adiante, neste livro, quando será tratado o discipulado exigido por Cristo para aqueles que desejam segui-lo de forma verdadeira. Da mesma forma, o apóstolo Paulo também incentivou os cristãos de Filipos a viverem uma vida transformada, diante do Senhor, “[...] para que sejais puros e inculpáveis para o dia de Cristo, cheios de fruto de justiça, o que é através de Jesus Cristo para glória e louvor de Deus.” (Fl 1,10-11). Isso mostra que a oração do discípulo não deve buscar apenas bênçãos momentâneas, mas também crescimento espiritual, transformação de caráter e uma vida que agrade a Deus.

Em diversos textos do Novo Testamento (NT), a Palavra de Deus ensina que a oração deve partir de um coração sincero e limpo diante do Senhor, vivendo conforme a verdade revelada por Deus em sua Palavra. Esse princípio também aparece na oração do Pai Nosso, quando Jesus ensina: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6,9). Essa expressão mostra aos discípulos que eles estavam diante de um Deus santo,

⁹ Novo Testamento.

puro e digno de toda honra. Um Deus que não se agrada do pecado e deseja que seus filhos vivam uma vida que reflita seu caráter.

Desde o começo da oração ensinada por Jesus, já fica claro que Deus não está à procura de palavras bonitas, mas discípulos do Senhor, que desejem viver em proximidade com Deus, com uma vida marcada por transformação espiritual, respeito e compromisso com seu nome. Quando Jesus ensina a seus discípulos a orarem, também ensina que a oração deve caminhar junto com uma vida coerente diante de Deus.

O apóstolo Paulo também reforça esse ensinamento ao orientar Timóteo sobre a oração: “Quero que os homens orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ódio nem discórdia” (I Tm 2,8). Esse texto ajuda a entender que a oração não está ligada apenas a palavras ditas com a boca, mas também à maneira como se vive. Paulo mostra que não adianta orar enquanto o coração permanece cheio de raiva, divisões ou atitudes erradas. Deus deseja sinceridade e mudança de vida.

Segundo artigo do Dr. Peter Masters, ele conceitua o levantar de mãos, como uma ordenança:

Quando Paulo (1 Timóteo 2:8) ordena que os cristãos orem 'levantando mão santas', ele indubitavelmente quer dizer isso figurativamente. Oferecer mãos limpas a Deus num sentido literal, como crianças pequenas mostrando aos seus pais que se lavaram, seria ridículo. Aqui as mãos representam nossas ações, e Paulo quer dizer que deveríamos lutar por santidade antes de orarmos. (Masters, 2008, p. 02)

A oração também pode ser entendida como um diálogo sincero entre o discípulo de Cristo e Deus. É uma conversa com um Pai que ouve, acolhe e responde, conforme Sua vontade. Jesus mostrou que a oração envolve um relacionamento de proximidade, amor e dependência entre o homem e Deus. Além disso, ela também reflete o amor para com o próximo¹⁰, como pode ser observado nos pedidos do Pai Nosso relacionados às necessidades humanas e ao relacionamento com o próximo:

Oração é um abrir o coração a Deus. Precisamos possuir primeiro o coração para dá-lo e fazê-lo aberto para Deus. Oração é um dialogar com Deus. Preciso estar bem com Deus, assimilá-lo na vida para poder conversar com Ele. Oração sem conversão não existe. Orar é uma das formas de amar. Amar é buscar unidade. (Boff, 1971, p. 26)

¹⁰ Cf. Mt 6,11-13; 23,1-12

A oração, em seu sentido mais profundo, pode ser entendida como um encontro com Deus por meio da fé. Esse encontro é visto na própria vida de Jesus, que frequentemente buscava momentos de oração para estar com o Pai.

A oração conduz o discípulo de Cristo a submeter o seu coração à vontade soberana de Deus e a reconhecer que todos os seus propósitos são perfeitos. Por meio dela, o discípulo aprende a confiar na providência divina, descansar nas promessas de Deus e viver em obediência à sua Palavra em todas as áreas da vida. Esses princípios foram ensinados por Jesus na “oração do Pai Nosso”, que será analisada mais à frente neste livro, mostrando sua importância e necessidade para todos os discípulos de Cristo.

CONEXÃO PESSOAL

Como tenho me aproximado de Deus por meio de Cristo? Minha oração tem conduzido meu coração à santificação, à transformação e à submissão à vontade soberana do Pai? Tenho buscado apenas respostas para minhas necessidades ou permitido que Deus transforme minha vida e meus relacionamentos? Ao orar, minhas palavras correspondem à maneira como tenho vivido diante de Deus e do próximo?

3 A ORAÇÃO DE JESUS: A FONTE DO PAI-NOSSO E DA INTIMIDADE COM O PAI

A oração ensinada por Jesus, conhecida como Pai-Nosso, é uma resposta direta aos discípulos e também um ensino para todos aqueles que seguem a Cristo. Jesus ensinou essa oração para mostrar como os seus discípulos poderiam se aproximar de Deus e rogá-lo como “Pai”. A Bíblia mostra que esse pedido nasceu de uma resposta direta dos discípulos, que estavam pedindo que Jesus ensinasse como deveriam orar, assim como João Batista havia ensinado: “E aconteceu que, estando ele a orar num certo lugar, quando acabou, lhe disse um dos seus discípulos: Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos.” (Lc 11,1).

A chamada oração do Pai-Nosso, ou oração dominical (oração ensinada por Jesus), foi dada como resposta indispensável aos discípulos de Cristo, registrado no conhecido “sermão do Monte” - o modelo agradável de oração a Deus, para ensinar verdades fundamentais aos discípulos de Cristo, chamando atenção para os erros cometidos pelos gentios, que acreditavam que seriam ouvidos por Deus apenas por repetirem palavras. Jesus advertiu: “E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios, que pensam que por muito falarem serão ouvidos.” (Mt 6,7), ou seja, Jesus não estava condenando orações longas, mas sim orações vazias, feitas apenas por aparência ou pelo muito falar, porém sem sinceridade.

Deus não está à procura de palavras bonitas; Ele procura um coração verdadeiro, e orações que sejam feitas, segundo a sua vontade. Em outro momento, disse: “Portanto, vós orareis assim [...] (Mt 6,9), e sendo destacada dentre as três práticas piedosas; jejum, esmola, e a prática de oração, elevada acima das outras duas práticas, assim como comentou Lloyd (1984) em seus pensamentos:

Quando um homem está conversando com Deus, encontra-se no seu zênite espiritual. Essa é a mais extraordinária atividade da alma humana, e, por conseguinte, ao mesmo tempo serve de teste final da verdadeira condição espiritual de um homem. Nada existe que seja capaz de revelar tão bem a nossa realidade espiritual, como povo evangélico que somos, do que a nossa vida de oração. Qualquer outra coisa que fizermos em nossa vida cristã será mais fácil do que orar. (Lloyd, 1984, p. 334).

A oração, diante do amplo significado que pode alcançar, foi tratada anteriormente neste livro com algumas especificidades, dentre as quais, como diálogo interpessoal entre o discípulo de Cristo, e o próprio Deus, ou seja, um relacionamento

direto com Deus, por meio da fé, como expressão de comunhão íntima ou meio de expressão de sentimento a Deus e ao próximo, demonstrado a partir do exemplo da própria oração do Pai Nosso, seguindo alguns parâmetros, estabelecidos por Cristo, como princípios fundamentais para o modo correto de professar a oração com o divino e preencher todos os requisitos necessários, tanto diante de Deus, como diante do coletivo.

Em palavras mais simples, Lloyd mostra que a oração revela quem realmente o discípulo é diante de Deus. Embora alguém possa professar a fé cristã, participar das reuniões da igreja e envolver-se em práticas religiosas, é na vida de oração que se evidencia a profundidade da sua comunhão com o Senhor. A oração revela se o coração do discípulo está verdadeiramente inclinado a depender da graça de Deus, e confiar em Sua soberania e buscar uma relação viva com o Pai.

A oração deve ser entendida como um diálogo interpessoal (conversa íntima) entre o discípulo e Deus. É um relacionamento construído pela fé, no qual, o discípulo de Cristo abre o coração diante do Senhor, expressando sentimentos, necessidades, gratidão, dependência e confiança. Jesus ensinou princípios fundamentais sobre a forma correta de orar. Esses princípios mostram que a oração não envolve apenas pedidos pessoais, mas também uma relação sincera e correta com Deus e cuidado com o próximo. O teólogo I. Packer (2009) explica que a oração do Pai-Nosso reúne elementos essenciais da vida espiritual do cristão. Segundo ele, a oração inclui:

Como a análise da luz requer uma referência às sete cores do espectro que a compõem, da mesma maneira a análise da oração do Pai-nosso requer uma referência ao espectro de sete atividades distintas: aproximar-se de Deus em adoração e confiança; reconhecer sua obra e seu valor na adoração e louvor; admitir o pecado e procurar perdão; suplicar pelas nossas próprias necessidades e pelas de outros; argumentar com Deus para bênção, como Jacó lutou com Deus em Gênesis 32 (Deus ama ser argüido); aceitar da parte de Deus a própria situação como ele a moldou; e manter-se fiel a Deus nos momentos maus e bons. Essas sete atividades conjuntamente constituem a oração bíblica, e a oração do Pai-nosso engloba todas elas (Packer, 2009 p. 16-17).

O Packer (2009) diz que “o Credo Apostólico, os Dez Mandamentos e a Oração do Pai-nosso resumem respectivamente o modo cristão de fé, comportamento e comunhão com Deus”.

O modelo de oração, ensinado por Jesus, apresenta um caminho saudável para a vida, pensamentos, palavras, atitudes e comportamento da vida. Ela traz direção e clareza, ajudando o discípulo a viver de maneira mais próxima de Deus.

O foco da vida dos discípulos deve estar em Deus-Pai, pois, logo nas primeiras palavras da oração, Jesus declara: “Pai Nosso”, revelando algo profundo sobre o relacionamento entre Deus e aqueles que o seguem. Essa expressão mostra a paternidade divina (cuidado de Pai) e revela que os discípulos pertencem à família de Deus. Esse Pai é digno de amor, obediência e respeito. Ele não é um Deus distante, frio ou indiferente. Pelo contrário, é um Pai que acolhe, cuida, corrige e sustenta os seus filhos. Ao mesmo tempo, Jesus afirma que esse Pai está “nos céus”, mostrando uma verdade importante: Deus está perto, mas também é soberano sobre tudo.

Essa expressão revela dois aspectos do caráter de Deus. Ele é imanente (presente e próximo), porque cuida dos seus filhos e caminha com eles. Porém, Ele também é transcendente (maior do que tudo, soberano e ilimitado), governando todas as coisas com autoridade e poder. Depois dessas palavras introdutórias, Jesus apresenta os primeiros pedidos da oração, conhecidos como as três primeiras petições (pedidos feitos a Deus). Esses pedidos mostram quais devem ser as prioridades dos discípulos, antes mesmo de apresentar suas necessidades pessoais.

A primeira petição, “Santificado seja o teu nome”, esse pedido revela a todos os discípulos do Senhor, que Deus deve ser honrado, reverenciado e reconhecido acima de todas as coisas. Não se trata apenas de falar sobre santidade, mas de viver uma vida que reflita quem Deus é.

A santificação deve aparecer em todas as áreas da vida do discípulo: nos pensamentos, nas atitudes, nas palavras, nas escolhas e no comportamento. Quem deseja honrar o nome de Deus procura viver de maneira coerente com aquilo que professa. Além disso, essa petição também aponta para a obediência às ordens do Reino de Deus. Não basta apenas dizer que pertence ao Senhor; é necessário viver de acordo com os princípios do Rei.

A segunda petição, “venha o teu reino”, mostra que o discípulo de Cristo deve viver de acordo com os valores do Reino de Deus, vivendo uma realidade que começa agora no coração daqueles que obedecem ao Senhor. Jesus ensina que os seus discípulos devem viver como servos obedientes do Rei, cumprindo sua missão e participando da expansão do Reino de Deus na terra por meio do amor, da fé, do testemunho e da obediência, segundo a vontade do Rei. Pedir que o Reino venha também significa desejar que a vontade de Deus governe a vida, a família, os pensamentos e as decisões.

A terceira petição, “faça a tua vontade”, nesse pedido, Jesus ensina algo profundo: seguir a Deus exige a renúncia da própria vontade para se submeter à vontade soberana do Senhor, que é boa, perfeita e agradável. Nesse pedido, o discípulo aprende que a verdadeira obediência nasce de um coração rendido a Deus, desejando que os seus propósitos sejam realizados acima dos próprios interesses.

Ao viver em submissão à vontade do Pai e compreender as três primeiras petições da oração do Pai Nosso, o discípulo reconhece que sua principal finalidade é glorificar a Deus e viver para a Sua glória. Dessa forma, ele responde ao maior mandamento ensinado por Cristo: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” (Mt 22,37). Assim, ao viver essas três primeiras petições, o discípulo cumpre sua principal missão: glorificar a Deus e obedecer ao maior mandamento ensinado por Cristo.

Após ensinar as prioridades e as necessidades que deveriam ser obedecidas - honrar o nome de Deus, viver os valores do Reino e obedecer à vontade do Pai — Jesus mostra que os discípulos também podem apresentar suas necessidades coletivas diante de Deus. Por isso, Jesus ensina a oração, sobre as necessidades do corpo físico, “O pão nosso [...]”, essa petição mostra que Deus cuida das necessidades do corpo físico dos seus filhos. O Pai cuida do bem-estar do seu povo, sustentando a vida e providenciando aquilo que é necessário para cada dia.

O pedido pelo pão diário não fala apenas de alimento, mas aponta para tudo aquilo que é necessário para viver: sustento, cuidado, proteção, trabalho, saúde e provisão para a família. Essa petição ensina que todo suprimento vem da parte de Deus. Porém, isso não significa que o discípulo deve deixar de trabalhar. Pelo contrário, Deus usa o trabalho como instrumento para cuidar das necessidades humanas.

O esforço diário, o emprego, os estudos e os recursos recebidos podem ser vistos como meios usados por Deus para garantir a provisão. Dessa forma, o discípulo também se torna instrumento de cuidado para outras pessoas. Esse sustento não refere-se a estar restrito apenas à própria casa, mas também aqueles que necessitam: família, irmãos da fé, órfãos, viúvas e pessoas em vulnerabilidade.

Assim, o discípulo aprende a viver a cooperação mútua e o amor ao próximo, ajudando conforme suas possibilidades. Além das necessidades materiais, essa petição também aponta para algo ainda mais profundo: Deus não alimenta apenas o

corpo, mas também a alma. O Senhor supre as necessidades espirituais do seu povo, fortalecendo a fé, renovando as forças e conduzindo seus filhos em meio às dificuldades. Depois da provisão, Jesus ensina sobre outra necessidade essencial da vida humana: o perdão.

Na quinta petição, Jesus diz, “perdoa-nos [...]”, mostra a todo discípulo de Cristo, que embora sejam filhos de Deus, justificados diante do Pai, por meio do seu filho, pertencerem a natureza decaída de Adão, são pecadores, diante do Pai: “Na verdade que não há homem justo sobre a terra, que faça o bem, e nunca peque.” (Ec 7,20). O pecado é visto pelo Senhor, como transgressão a sua lei, que é santa e justa, e sendo o Senhor Santo e justo, não contempla a iniquidade, e o mal, revelando com essa petição o resgate da primeira petição, “Santificado seja o teu nome”. Esta petição traz à memória dos discípulos, que estão diante de um Pai Santo, e que impõe a todo o seu povo, uma vivência de santidade, e irrepreensibilidade, diante de Deus e da sociedade.

Porém, ao reconhecer sua própria fragilidade e a realidade do pecado, o discípulo de Cristo compreende que necessita continuamente da graça restauradora de Deus. O Pai, em Sua misericórdia, oferece a reconciliação e restaura o relacionamento quebrado pelo pecado por meio do arrependimento e da obra redentora de Jesus Cristo.

A restauração concedida por Deus mediante a justificação em Cristo não permanece apenas como uma verdade recebida pela fé, mas produz no discípulo uma transformação prática em sua relação com o próximo.

Aquele que foi alcançado pelo perdão divino é chamado também a perdoar, revelando em sua vida a realidade da graça que recebeu. Assim, liberar perdão não é uma opção, mas uma expressão da nova vida em Cristo, conforme Jesus ensinou na quinta petição da oração do Pai Nosso: “Perdoa-nos” [...]. Dessa forma, o discípulo que experimentou a justificação de Deus por meio de Cristo é conduzido a demonstrar misericórdia e perdão diante daqueles que o ofendem.

Suprida essa necessidade espiritual do Pai ao discípulo de Cristo, o Senhor apresenta a sexta e a última petição na oração dominical, “não deixe-nos [...]”, essa petição revela que o discípulo do Senhor é incapaz de permanecer firme apenas por sua própria força diante do mal, dos ataques e das investidas do inimigo. Mesmo nas provações permitidas por Deus — que muitas vezes servem como um tempo de

aprendizado e amadurecimento espiritual — os discípulos de Cristo continuam sujeitos às suas fraquezas e limitações. Em vários momentos da caminhada cristã, o coração pode ser levado ao desânimo, à dúvida ou até mesmo ao afastamento dos caminhos do Senhor, deixando de perceber os propósitos de Deus em meio às dificuldades.

Diante disso, Jesus ensina seus discípulos a reconhecerem humildemente sua dependência do Pai. Essa petição do Pai Nosso reafirma que nossa firmeza espiritual e perseverança na fé não estão fundamentadas em nossa capacidade humana, mas no cuidado e na graça sustentadora de Deus. É o Senhor quem fortalece, guarda e conduz os seus filhos, especialmente quando estão fracos ou enfrentando tempos difíceis. Por isso, ao orar: “não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal”, o discípulo reconhece que necessita diariamente do auxílio divino para permanecer fiel.

Além disso, percebe-se que as três últimas petições da oração passam a enfatizar o pronome possessivo “nosso”, revelando uma dimensão comunitária da vida cristã. O discípulo é ensinado a olhar não somente para as suas próprias necessidades, mas também para as necessidades dos seus irmãos na fé. Ao pedir: “o pão nosso”, “perdoa-nos” e “livra-nos”, aprendemos que a oração cristã nos conduz a uma vida de comunhão, intercessão e cuidado mútuo.

Assim, para os discípulos de Jesus, essas petições demonstram, de maneira prática, o cumprimento do resumo da Nova Aliança e do mandamento ensinado por Jesus: amar ao próximo como expressão do amor a Deus. Conforme afirmou o Senhor: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,39).

CONEXÃO PESSOAL

Ao aprender com Jesus a orar, como tenho me aproximado do Pai? Minha vida de oração revela uma verdadeira intimidade com Deus? Tenho colocado sua glória, seu Reino e sua vontade acima dos meus próprios interesses? E, ao apresentar minhas necessidades, tenho reconhecido minha dependência do Senhor, praticado o perdão e buscado viver em comunhão com o próximo? A oração que Jesus ensinou tem moldado a minha vida ou tenho apenas repetido suas palavras?

3.1 O CENÁRIO DA ORAÇÃO DO PAI-NOSSO: JESUS ENSINA A ORAR

A oração do Pai Nosso ensinada por Jesus não aparece de forma isolada, mas está inserida em um contexto maior de ensinamentos transmitidos por Cristo no conhecido “Sermão do Monte”. Para compreender melhor a profundidade dessa oração, é necessário observar o caminho que antecede esse momento, percebendo que Jesus primeiro chama seus discípulos para perto de si, como registra o Evangelho: “[...]Jesus, vendo a multidão, subiu a um monte, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos” (Mt 5,1). Esse cenário revela uma verdade importante: antes de ensinar a orar, Jesus aproxima seus discípulos para ensiná-los a viver.

Nesse sentido, a oração dominical não deve ser entendida como uma simples repetição de palavras ou uma prática apenas religiosa e automática, mas como um modelo de relacionamento, dependência, submissão e comunhão com o Pai celestial. Jesus não entregou aos seus discípulos uma fórmula pronta de oração, mas um caminho de intimidade com Deus, estabelecendo princípios que orientam a vida espiritual dos seguidores de Cristo em todas as épocas.

Os ensinamentos de Jesus, no Sermão do Monte, não foram destinados apenas aos discípulos que estavam presentes naquele momento, mas continuam sendo aplicados a todos aqueles que pertencem ao Reino de Deus. Se essas verdades fossem limitadas somente àquela geração, os cristãos de hoje não poderiam experimentar as bênçãos das bem-aventuranças nem viver os princípios ensinados por Cristo.

Por essa razão, o discípulo de Cristo continua sendo chamado de “sal da terra” e “luz do mundo”, vivendo de maneira que sua vida revele a transformação realizada pela graça de Deus. Como declarou Jesus: “Vós sois o sal da terra” (Mt 5,13) e “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). Essa identidade recebida em Cristo conduz o discípulo a uma vida de testemunho, na qual suas atitudes e boas obras apontam para a glória do Pai.

Assim, o ensino de Jesus permanece atual e necessário para todos aqueles que fazem parte do seu Reino. O discípulo é chamado não apenas a conhecer as palavras de Cristo, mas a vivê-las diariamente, demonstrando, por meio de sua conduta, uma fé verdadeira que glorifica a Deus diante das pessoas, conforme

ensinou o Senhor: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mt 5,16).

Partindo da compreensão de que todo discípulo de Cristo pertence ao Senhor, ele é chamado a viver, de maneira coerente, com essa nova identidade, demonstrando em sua vida um caráter moldado pelo evangelho. Isso significa seguir os princípios espirituais, morais e éticos ensinados por Deus, mesmo quando esses valores são contrários aos padrões estabelecidos pela cultura ao seu redor. Jesus ensinou aos seus discípulos: “Não vos assemelheis, pois, a eles...” (Mt 6,8), mostrando que aquele que pertence ao Reino de Deus deve viver de modo diferente, não por superioridade, mas porque sua vida foi transformada pela graça de Cristo.

Nesse sentido, John Stott (2008) destaca que o Sermão do Monte apresenta um modo de vida completamente diferente daquele seguido por um mundo afastado de Deus. Os ensinamentos de Jesus revelam os valores do Reino e mostram como o discípulo deve viver diante do Senhor e das pessoas:

O sermão do monte é o esboço mais completo, em todo novo testamento, da contracultura cristã. Eis aí um sistema de valores cristãos, um padrão ético, uma devoção religiosa, uma atitude para com o dinheiro, uma ambição, um estilo de vida e uma teia de relacionamentos tudo completamente diferente do mundo que não é cristão. E esta contracultura cristã é a vida do reino de Deus, uma vida humana realmente plena, mas vivida sob o governo divino. (Stott, 2008, p.6).

O discípulo de Cristo, portanto, é chamado a viver, de maneira digna, do Reino dos Céus, refletindo em sua vida os valores ensinados pelo seu Senhor. O Evangelho de Mateus apresenta Jesus como o Messias prometido na Antiga Aliança, que havia chegado, e estava entre eles, e ele veio cumprir as promessas de Deus e revelar o seu Reino. Porém, Cristo não veio estabelecer um reino político conforme muitos esperavam, especialmente diante do domínio romano, mas um Reino espiritual, que alcança o coração e transforma a vida daqueles que pertencem a Ele.

Esse Reino não é fundamentado no poder humano ou em conquistas terrenas, mas na obra da graça de Deus, que transforma o interior do discípulo e o conduz a uma nova maneira de viver diante do Senhor e do próximo.

Foi nesse contexto do Reino de Deus que Jesus ensinou seus discípulos a orar. O Pai Nosso revela que a oração não é apenas uma prática religiosa, mas uma expressão de intimidade, dependência e confiança no Pai. Antes de ensinar as palavras da oração, Cristo ensinou uma maneira de viver diante de Deus: uma vida

marcada pela humildade, obediência, fé e comunhão com o Pai celestial, como destaca o Dr. Martyn Lloyd-Jones em sua obra, O Sermão do Monte:

O reino é, antes de tudo, algo que está “dentro em vós”. Trata-se daquilo que governa e controla o coração, a mente e as atitudes do indivíduo. Longe de ser algo que conduz a grande poderio militar, destina-se aos “humildes de espírito”. Em outras palavras, no Sermão do Monte não nos é recomendado: “Vivei deste modo e vos tornareis cristãos”. Pelo contrário, somos ali ensinados: “Visto que sois cristãos, vivei deste modo”. É desse modo que os cristãos deveriam viver; assim é que se espera que eles vivam. (Lloyd, 1984, p. 14)

Ao longo do Sermão do Monte, Jesus apresenta o contraste entre a vida do discípulo do Reino e a maneira de viver daqueles que não pertencem a Deus. Nesse contexto, Cristo também alerta seus discípulos sobre o perigo dos ensinamentos dos escribas e fariseus. Naquela época, eles eram reconhecidos pela sociedade como exemplos de moralidade, religiosidade e prática espiritual. Porém, Jesus mostrou que, apesar da aparência externa, seus ensinamentos não alcançavam a transformação verdadeira do coração, pois estavam distantes da vontade de Deus.

Os escribas, por serem conhecedores da lei, acreditavam que o profundo envolvimento com os mandamentos de Deus era suficiente para torná-los aprovados diante do Senhor. Os fariseus, além da lei entregue por Moisés, acrescentavam diversas tradições e regras religiosas, considerando sua prática como uma expressão superior de justiça. Contudo, Jesus revelou aos seus discípulos que uma vida fundamentada apenas em aparências, práticas externas e observâncias religiosas não era suficiente para agradar ao Senhor.

É nesse contexto que Jesus apresenta aos seus discípulos uma compreensão mais profunda da Lei e dos Profetas, mostrando a diferença entre o ensino verdadeiro e a religiosidade vazia. O Senhor declara:

Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém, que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus.” (Bíblia, Mateus, 5,19-20, Online)

Com essas palavras, Jesus deixa claro que não veio anular a lei, mas cumpri-la perfeitamente. Ele mostra o verdadeiro propósito da lei de Deus, revelando sua importância e demonstrando que tudo aquilo que o Senhor estabeleceu seria

cumprido em seus mínimos detalhes, revelando o caráter santo de Deus, Sua vontade e o modo como seu povo deve viver diante dele.

Ao observarmos os ensinamentos de Cristo, percebemos que toda a lei aponta para dois grandes relacionamentos. O primeiro diz respeito ao relacionamento com Deus, um relacionamento vertical, no qual o discípulo aprende a amar, obedecer e depender do Senhor acima de todas as coisas. O segundo está ligado ao relacionamento com o próximo, um relacionamento horizontal, expresso através do amor, cuidado, justiça e misericórdia para com o próximo. Assim, Jesus ensina que a verdadeira espiritualidade não pode ser separada da forma como vivemos diante de Deus e da maneira como tratamos as pessoas.

Esse ensino conduz os discípulos de Cristo a não negligenciar a palavra do Senhor, mas a observarem com atenção as prioridades desses dois relacionamentos, buscando viver aquilo que aprenderam e ensinar outros a fazerem o mesmo.

Contudo, Jesus também deixa evidente que ninguém consegue obedecer perfeitamente à justiça da lei por sua própria força. Essa obediência verdadeira só é possível pela graça de Cristo, que transforma o coração e conduz o cristão no caminho da santificação. Nesse sentido, percebe-se que Deus sempre teve um propósito: chamar para si um povo separado para viver de maneira diferente do mundo, refletindo seu caráter em pensamentos, atitudes e comportamento. Como destaca John Stott (2008):

O propósito histórico de Deus é chamar um povo para si mesmo; que este povo é um povo “santo”, separado do mundo para lhe pertencer e obedecer; e que a sua vocação é permanecer fiel à sua identidade, isto é, ser “santo” ou “diferente” em todo o seu pensamento e em todo o seu comportamento. (Stott, 2008, p. 03)

Jesus também deixa claro aos seus discípulos que os escribas e os fariseus eram apenas observadores externos da lei. Embora falassem sobre justiça e santidade, não praticavam aquilo que ensinavam de maneira sincera. A justiça e a santidade ensinadas nas Escrituras estão profundamente ligadas à verdadeira obediência ao Senhor, algo que nasce de um coração transformado e não apenas de práticas religiosas exteriores. Por isso, muitos daqueles líderes acabavam conduzindo o povo a uma compreensão errada dos perfeitos e justos mandamentos de Deus. É nesse cenário que os ensinamentos de Jesus confrontam a falsa religiosidade e conduzem o discípulo a uma fé genuína, marcada não apenas por palavras, mas por

uma vida de verdadeira comunhão com Deus, como destaca o Jonh Stott (2008) acerca dos escribas e fariseus:

“[...] dois grupos de pessoas totalmente diferentes”, pois “os escribas são os mestres de teologia que tiveram alguns anos de estudo; os fariseus, por outro lado, não são teólogos, mas sim grupos de leigos piedosos de todas as camadas da sociedade” (Stott, 2008, p. 06)

Jesus continua ensinando a seus discípulos no Sermão do Monte por meio de três práticas espirituais muito valorizadas entre os judeus daquele tempo: a esmola (Mt 6,1–4), a oração (Mt 6,5–15) e o jejum (Mt 6,16–18). Essas práticas, quando vivenciadas corretamente, além de fortalecer a comunhão com Deus, glorificam o seu nome. Contudo, Jesus mostra que até mesmo atitudes espirituais podem perder o seu verdadeiro propósito quando são realizadas com intenções erradas.

No início desse ensinamento, Cristo apresenta um princípio importante: essas práticas não deveriam ser feitas para chamar a atenção das pessoas ou conquistar admiração humana, mas para agradar ao Pai celestial. O problema não estava na prática em si, mas na motivação do coração. Jesus confronta uma religiosidade baseada na aparência e mostra aos seus discípulos que atos de piedade não devem servir como forma de exibição espiritual.

O primeiro versículo introduz o tema geral dessas práticas de devoções, mostrando que elas podem se tornar prejudiciais quando são feitas apenas para serem vistas pelos outros. Jesus ensina que atitudes espirituais não devem ser realizadas com o desejo de chamar atenção ou de impressionar as pessoas, mas com o sincero propósito de agradar ao Senhor. O discípulo de Cristo é chamado a examinar o coração e a entender que Deus não se agrada de uma espiritualidade de aparência, mas de uma vida piedosa vivida com sinceridade diante dele, como sugere a representação gráfica, abaixo:

Figura 1 – Práticas piedosas

Quando:	Se dá esmola (6.2a)	Se ora (6.5a)	Ou se jejua (6.16a)
Não se deve ser como os hipócritas			
Porque:	Gostam de anunciar que estão dando esmola (6.2b)	Ficam de pé para orar (6.5b)	Desfiguram o rosto (6.16a)
O propósito dos hipócritas é agir para a glória humana			
Para:	Ser elogiados pelas pessoas (6.2c)	Ser vistos pelos outros (6.5b)	Mostrar que estão jejuando (6.16c)
O que Jesus diz sobre esse tipo de atitude?			
Todos eles:	Já receberam sua recompensa (6.2c)	Já receberam sua recompensa (6.5c)	Já receberam sua recompensa (6.16c)
Quais são as promessas de Jesus?			
Aqueles que:	Dão esmola e ninguém fica sabendo (6.3)	Oram em secreto (6.6a)	Jejuam como se não estivessem jejuando (6.17-18a)
Esses:	Serão recompensados pelo Pai (6.4)	Serão recompensados pelo Pai (6.6b)	Serão recompensados pelo Pai (6.18b)

Fonte: GRAFF, Anselmo Ernesto; SARMENTO, Dirléia Fanfa. A oração do Pai Nosso: Fonte de consolo ou mera recitação?. In: XII FÓRUM DE PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA (Canoas). 2012.

As três práticas piedosas descritas no quadro acima, como, esmola, oração e jejum continuam sendo fundamentais para o desenvolvimento da fé cristã, desde que todas essas práticas sejam feitas na esperança de receber a recompensa de Deus e não no intuito de receber holofotes para si. Evidenciando a segunda prática piedosa da oração, que este livro está direcionado a desenvolver na oração do Pai Nosso, vemos a advertência para o discípulo de Cristo de tomar cuidado em não ser semelhante aos hipócritas, que externalizam publicamente seus atos de oração, não informando no texto a não proibição de oração pública, mas sim, trazendo luz à hipocrisia deles, que ao orar assim, correm o risco de saírem de mãos vazias de diante do Pai, conforme Graff e Sarmento (2016):

“Jesus adverte para não seguir o caminho daqueles que não são seus discípulos, chamados aqui de gentios. Orações longas e repetidas não são garantia de que o Pai vai ouvi-las e enxergar essa “piedade extra” daqueles que assim oram. Também não faz parte de uma possível valorização da oração a aparição pública, como se isso fosse contar alguma coisa, pois a oração verdadeira é dirigida a Deus e somente ele é que pode e irá tomar conta dos nossos pedidos.” (Graff; Sarmento, 2012, p. 57)

Cristo apresenta um princípio importante e profundamente saudável ao ensinar sobre a segunda prática espiritual: a oração. Em (Mateus 6,6), Jesus declara: “entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai”. Com essas palavras, o Senhor direciona seus discípulos à importância de uma oração sincera, feita longe da

necessidade de reconhecimento humano. A ideia ensinada por Cristo não é o isolamento absoluto ou a proibição da oração pública, mas a valorização de um relacionamento íntimo, verdadeiro e pessoal com o Pai celestial.

Ao ensinar que o discípulo deve entrar no quarto e fechar a porta, Jesus chama a atenção para um coração que busca a Deus longe dos olhares e elogios das pessoas. A oração não deve ser uma apresentação religiosa nem um meio de demonstrar espiritualidade diante dos outros. Antes, deve ser um encontro íntimo com o Pai, no lugar secreto, onde o coração pode ser derramado diante de Deus com sinceridade, dependência e confiança.

Além disso, Jesus lembra aos seus discípulos que o Pai conhece antecipadamente todas as necessidades dos seus filhos. Como afirma (Mateus 6,8), Deus sabe do que os seus filhos precisam antes mesmo dos pedidos. Isso, porém, não significa que a oração seja desnecessária. Pelo contrário, o Senhor estabeleceu a oração como um meio gracioso de relacionamento entre Deus e o discípulo de Cristo. Em sua bondade, ele convida os seus discípulos a se aproximarem dele, abrindo o coração, apresentando seus medos, necessidades, lutas, agradecimentos e esperanças.

Nesse contexto, a oração ensinada por Jesus, conhecida como Pai Nosso, surge como um modelo de comunhão e dependência do Pai. Cristo ensina não apenas o conteúdo da oração, mas também a maneira como os discípulos devem se aproximar de Deus: com reverência, humildade, confiança e submissão à sua vontade. O discípulo aprende que pode apresentar seus pedidos ao Senhor, mas sempre reconhecendo que a vontade de Deus é boa, perfeita e soberana.

Fica claro que os princípios ensinados nas três práticas piedosas são legítimos e verdadeiros, devendo fazer parte da vida dos discípulos de Cristo. No entanto, essas práticas não devem girar em torno do “eu”, da busca por reconhecimento ou aparência espiritual, mas devem estar centradas em Cristo e na glória do seu nome. Jesus não condena tais práticas; pelo contrário, ele ensina a maneira correta de vivê-las, com sinceridade, humildade e dependência de Deus.

Da mesma forma, essas práticas piedosas estão profundamente ligadas ao ensino das bem-aventuranças, pois revelam o caráter cristão que deve ser demonstrado na vida do discípulo de Cristo. São sinais espirituais que evidenciam uma fé verdadeira, desenvolvida pela ação da graça de Deus no coração daqueles

que pertencem a ele. Por isso, é importante observar como esses ensinamentos se conectam entre si, formando um caminho de amadurecimento espiritual na vida do cristão.

Nas bem-aventuranças, ensinadas pelo próprio Cristo em (Mt 5,1-11), Jesus revela qual deve ser o caráter moldado na vida dos seus discípulos. Trata-se de um padrão espiritual que não nasce da capacidade humana, mas da graça e misericórdia de Deus, concedidas em Cristo. É o próprio Senhor quem capacita seus filhos a viver de acordo com esses princípios.

Cada bem-aventurança se relaciona com a outra, formando um caminho espiritual que revela o agir da graça de Deus no coração do discípulo de Cristo. Elas mostram um processo de transformação produzido pelo Senhor na vida daqueles que desejam viver em comunhão com ele. Ao observarmos as bem-aventuranças descritas em Mateus 5,5–8, começamos com a declaração: “Bem-aventurados os mansos” (Mt 5,5). Jesus ensina que essa virtude não nasce naturalmente no ser humano, mas procede de Deus e só pode ser vivida quando o discípulo reconhece sua total dependência do Senhor, percebendo-se incapaz de produzir, por si mesmo, aquilo que agrada a Deus.

Esse ensino está ligado à primeira bem-aventurança, “bem-aventurados os humildes de espírito”, pois a mansidão nasce em um coração que reconhece sua pobreza espiritual diante do Pai. Quando o discípulo entende que nada possui em si mesmo de que possa se gloriar, aprende a depender da graça divina e a se render à vontade do Senhor. Esse reconhecimento produz um coração quebrantado, conduzindo naturalmente à segunda bem-aventurança: “Bem-aventurados os que choram” (Mt 5,4), revelando que a verdadeira tristeza espiritual não se limita às dificuldades e aos sofrimentos desta vida, mas nasce de um coração consciente da gravidade do pecado diante da santidade de Deus.

Ela revela um sincero arrependimento, uma profunda dependência da graça divina e um desejo crescente de abandonar aquilo que desagrade ao Senhor, buscando viver em maior comunhão, obediência e intimidade com Deus.

Assim, Jesus ensina que a intimidade com o Pai começa quando o discípulo reconhece sua completa dependência espiritual de Deus. O Pai Nosso conduz o discípulo por esse mesmo caminho, ensinando-o a aproximar-se do Senhor com humildade, mansidão e um coração submisso à sua vontade, compreendendo que a

verdadeira oração nasce daquele que reconhece diariamente sua necessidade da graça e do cuidado do Pai.

Essa postura de humildade e dependência não nasce da capacidade humana, mas da ação da graça de Deus na vida do discípulo. Por si mesmo, ele não consegue alcançar perfeitamente as virtudes ensinadas por Cristo, mas, pela obra do Espírito Santo, é conduzido a desenvolver um caráter semelhante ao de Jesus. Entre essas virtudes está a mansidão apresentada por Cristo: “Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra” (Mt 5,5).

A mansidão ensinada por Jesus revela um espírito humilde e gentil, uma virtude que procede de Cristo e é formada pela graça de Deus na vida do discípulo. Ela não representa fraqueza ou ausência de firmeza, mas um coração submisso ao Senhor, capaz de permanecer fiel à verdade com humildade e amor, mesmo diante de injustiças e dificuldades. Assim, o discípulo é fortalecido por Deus para defender aquilo que é correto sem agir com orgulho ou agressividade, refletindo o caráter de Cristo em suas atitudes. Como afirma (Lloyd, 1984, p. 61), “a mansidão é, essencialmente, um autêntico ponto de vista que o indivíduo forma de si mesmo, o que é então expresso como uma atitude e uma conduta em relação ao próximo”.

A mansidão, ensinada por Jesus, revela uma atitude de humildade e submissão diante de Deus e do próximo. O discípulo de Cristo compreende que não deve agir movido pelo orgulho, pela defesa dos próprios direitos ou pelos desejos da natureza humana, porém deve a submissão, a virtude da mansidão, a dominar pelo espírito a sua carne que o deseja executar princípios opostos à mansidão. Mesmo diante de situações em que poderia reivindicar seus direitos, o discípulo é chamado a demonstrar o caráter de Cristo, deixando que o Espírito Santo produza nele a virtude da mansidão.

Conforme dito no livro de Stott (2008), “O homem verdadeiro manso é aquele que fica realmente pasmo ante ao fato de Deus e os homens poderem pensar dele tão bem quanto pensam, e de que tratem tão bem.” (Stott, 2008, p. 33), os mansos são chamados a viverem no estado de contentamento em tudo enfrentado na vida, pois terão direito de possuir de todas as bênçãos estabelecidas por meio de Cristo, como dito na promessa dessa bem-aventurança “[...] herdarão a terra”, isto é, os cristãos herdeiros da terra no tempo presente, quanto a uma herança futura de “novos

céus e terra”, por tanto os mansos de espírito descritos por Jesus, são aqueles que pertencem ao seu povo.

A segunda bem-aventurança a ser observada, neste livro, trata dos “bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça” (Mt 5,6). Seguindo a sequência ensinada pelo próprio Jesus, essa bem-aventurança revela um desejo espiritual que nasce no coração do discípulo após reconhecer sua necessidade de Deus e depender da graça de Cristo. A fome e a sede de justiça, mencionadas por Jesus, não se referem aos desejos egoístas ou às buscas passageiras deste mundo, como acontecia entre os pagãos, preocupados apenas com satisfação pessoal e bens materiais. Trata-se, antes, de um profundo anseio por viver segundo a vontade de Deus.

Essa justiça, apontada por Cristo, envolve a transformação do coração, da mente e das atitudes do discípulo. É um desejo sincero de ter pensamentos, motivações e comportamentos alinhados aos mandamentos do Senhor, buscando uma vida que o agrade em tudo. Não se limita apenas a um relacionamento correto com Deus, mas também se reflete na maneira como o cristão vive e se relaciona com o próximo, demonstrando amor, misericórdia e compromisso com aquilo que é justo diante do Pai.

Essa fome e sede espiritual nunca se satisfaz completamente nesta vida, porque o discípulo deseja continuamente crescer em santidade e obedecer mais ao Senhor. É um anseio constante por glorificar a Deus em tudo aquilo que é e faz. Como lembra Martinho Lutero citado por pelo autor, “A ordem para você não é rastejar para um canto ou para o deserto, mas, sim, sair correndo e oferecer as suas mãos e os seus pés e todo o seu corpo, e empenhar tudo o que você tem e pode fazer” (Stott, 2008, p.35).

Ter fome e sede de justiça, conforme ensinou Jesus, revela no discípulo de Cristo um profundo desejo de viver em conformidade com a vontade de Deus e de ser livre do domínio do pecado. Essa busca não se limita apenas à realidade da justificação, na qual o cristão é declarado justo diante de Deus por meio de Cristo, mas também envolve o processo contínuo de santificação, no qual o Senhor transforma o coração do discípulo e o conduz a uma vida de maior comunhão com Ele.

Essa bem-aventurança expressa o anseio por um relacionamento verdadeiro com Deus, marcado pelo afastamento daquilo que o Senhor rejeita, o pecado, e pelo desejo de experimentar uma vida, cada vez mais, moldada pela sua graça. Conforme destaca (Lloyd, 1984), essa fome e sede de justiça envolve o desejo de ser libertado da corrupção do pecado, tanto em suas raízes interiores quanto em suas manifestações na vida diária. Por isso, o autor afirma: “Ter fome e sede de justiça é desejar ver-se livre do próprio ‘eu’, em todas as suas horrendas manifestações, em todas as suas facetas” (Lloyd, 1984).

Ter fome e sede de justiça significa, para o discípulo de Cristo, desejar profundamente uma vida de comunhão íntima com Deus acima de todas as coisas. Essa busca envolve o anseio de ser transformado à imagem de Cristo, reconhecendo que a maior necessidade do coração humano é estar, cada vez mais, próximo do Senhor e viver conforme a sua vontade.

Esse desejo pela justiça de Deus deve ser tão profundo quanto uma necessidade essencial da vida, de modo que o discípulo não encontra plena satisfação enquanto não experimenta um relacionamento mais profundo com Deus e uma vida, cada vez mais, moldada pela sua graça. Mesmo avançando nesse caminho de santificação, ele continua buscando crescer, pois compreende que somente Deus pode preencher completamente essa fome e sede espiritual.

Como destaca o John N. Darby, “declarou ele: “Ter fome não é o bastante; é mister que eu esteja, realmente, morrendo de inanição, para que possa saber o que está no coração de Deus a meu respeito”. (Lloyd, 1984, p. 72).

A promessa dessa bem-aventurança ensina ao discípulo de Cristo que a fome e a sede de justiça não encontrarão sua plena realização nesta vida. Embora o Senhor já esteja realizando sua obra de transformação no cristão por meio da santificação, a satisfação completa dessa busca acontecerá somente na presença de Deus, quando seu povo desfrutar plenamente da comunhão eterna com ele.

Enquanto caminha neste mundo, o discípulo é chamado a perseverar em uma busca contínua por uma vida de santidade e maior conformidade com Cristo, confiando na promessa de que Deus completará a obra iniciada em seus filhos e conduzirá seu povo à plenitude da justiça na eternidade.

Debaixo da submissão à vontade de Deus de acordo com as necessidades espirituais satisfeitas em nele, observada em (Mt 5,3-5), procede uma manifestação

em consequência de sua graça e misericórdia, a característica de misericórdia, como dito em (Mt 5,7), “Bem aventurado os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”, misericórdia essa expressa em um senso de piedade ao próximo, de compaixão pelos semelhantes, de reconhecimento de uma miserabilidade diante de Deus, que se coloca em prática, o ter compaixão pelo próximo, assim como Cristo teve pelos seus discípulos. E em consequência dessa misericórdia, sente necessidade e desespero do outro, como enfatizou o Dr. Martyn Lloyd Jones, “[...] há um profundo desejo, e até mesmo ação, para que a situação aflitiva seja aliviada.” (Lloyd, 1984, p. 90).

Cristo revela, a partir do seu próprio atributo de misericórdia, que os cristãos autênticos devem esboçar misericórdia para com o seu semelhante e não uma atitude de vingança e de negação de perdão aos semelhantes, mas pelo contrário, demonstrar compaixão diante do próximo de sua misericórdia provada em vida, isso é prova de sua misericórdia. Observando o contexto das bem-aventuranças pode-se chegar a uma seguinte conclusão: que ser manso é ser semelhante ao misericordioso, como relatou o autor em seu livro, “O “manso” também é “o misericordioso”. Pois ser manso é reconhecer diante dos outros que nós somos pecadores; ser misericordioso é ter compaixão pelos outros, pois eles também são pecadores. (Stott 2008, p. 38).

A quarta bem-aventurança deste livro a ser comentado de modo específico, está descrito em (Mt 5,8) “Bem aventurados os limpo de coração [...]”, segue o mesmo ensinamento de Jesus aos que um dia tiveram seus corações corrompidos e eram impuros diante de Deus, porém estão diante de uma nova posição, diante de Cristo. Chamados a um real caráter interno, descrito no versículo pelo vocabulário “coração”, apercebido como o centro da personalidade do ser humano, a fonte de onde brota ao que o homem se revela ser.

Cristo destaca o coração como a expressão da totalidade do ser humano, envolvendo tanto sua vida interior quanto suas atitudes exteriores. Diferente da religiosidade apresentada pelos fariseus e escribas, que valorizavam principalmente as aparências e as práticas externas, Jesus revela que Deus olha para além das ações visíveis e conhece a realidade do coração.

A advertência de Cristo mostra que uma espiritualidade baseada apenas em aparência religiosa não é capaz de produzir verdadeira transformação, pois o coração

humano necessita ser renovado pela graça de Deus. Como destaca o Dr. Martyn Lloyd-Jones:

O coração é o centro do ser e da personalidade do indivíduo; é igualmente a fonte de onde brota tudo quanto daí se segue. Inclui a mente. Inclui a vontade. Inclui as emoções. Essa palavra considera o homem em sua totalidade. E foi precisamente essa totalidade que nosso Senhor quis destacar. “Bem-aventurados os limpos de coração”, bem-aventurados são os puros, não meramente na superfície, mas no próprio âmago de seus seres, na fonte de onde emanam todas as suas atividades. (Lloyd, 1984, p. 100).

O coração limpo ensinado por Jesus aos seus discípulos apresenta um contraste com a religiosidade dos fariseus, que valorizavam, principalmente, a aparência externa e as práticas de pureza cerimonial. Cristo denunciou essa incoerência ao declarar: “Vós, fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade” (Lc 11,39).

A pureza de coração exigida por Jesus vai além de conhecimento religioso, comportamento moral ou práticas externas; ela envolve uma transformação completa da vida, alcançando os pensamentos, os desejos, as atitudes e as ações do discípulo. Essa pureza é fruto da obra da graça de Deus, que renova o coração e conduz o cristão a viver com o propósito de glorificar ao Senhor em todas as áreas da sua existência.

A promessa feita por Cristo aos “limpos de coração” revela uma esperança presente e futura. No presente, o discípulo, por meio da fé, desfruta da comunhão com Deus, conhece sua presença, encontra alegria nele e o serve com gratidão. No futuro, aqueles que foram regenerados pela graça e perseveraram em uma vida de santificação contemplarão plenamente o Senhor, quando estiverem eternamente em Sua presença, conforme ensinam as Escrituras: “veremos como ele é” (1Jo 3,2) e “Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12,14).

CONEXÃO PESSOAL

Tenho colocado Deus em primeiro lugar na minha vida de oração? Ao orar, tenho buscado verdadeiramente a santificação do seu nome, a vinda do seu Reino e o cumprimento da sua vontade, antes de apresentar minhas próprias necessidades?

Minha vida tem refletido aquilo que meus lábios dizem quando oro: “Pai nosso, que estás nos céus”?

3.2 APRENDENDO A ORAR COM CRISTO: A EXPERIÊNCIA DOS DISCÍPULOS

A oração do Pai Nosso revela ao discípulo de Cristo como deve se relacionar com Deus em oração, mostrando a quem suas orações devem ser dirigidas e de que maneira deve aproximar-se do Senhor. Logo nas primeiras palavras da oração, Jesus ensina que a prioridade da vida de oração é a glória de Deus, colocando o Pai no centro de toda petição antes de apresentar as necessidades humanas.

Ao ensinar a expressão “Pai nosso”, Cristo revela a nova relação que seus discípulos desfrutam com Deus por meio da adoção, mostrando que todos os que pertencem a Ele formam uma única família da fé. Ao acrescentar “[...] nos céus”, Jesus destaca tanto o amor paternal quanto à soberania e à majestade de Deus, ensinando o discípulo a aproximar-se do Pai com confiança, reverência e submissão. Assim, a oração também orienta sua maneira de viver, moldando seu caráter, suas atitudes e seu testemunho para a glória do Senhor.

É a partir das palavras introdutórias da oração, “Pai nosso, que estás nos céus”, que Jesus desenvolve as três primeiras petições do Pai Nosso. Nelas, toda a atenção do discípulo é direcionada para Deus, como demonstram os pronomes possessivos: “teu nome”, “teu Reino” e “tua vontade”. Essa estrutura revela que a oração deve começar colocando a glória, o governo e a vontade do Pai acima de todas as coisas. Como observa o autor:

Não importa quão desesperadora seja a nossa situação, não importa quão aguda seja a tensão, não importa se está ocorrendo alguma enfermidade física, ou alguma guerra, ou calamidade, ou algum terrível problema que repentinamente nos tenha ameaçado — sem importar o que possa suceder, jamais deveríamos deixar de observar a sequência em que as petições foram aqui expostas por nosso bendito Salvador e Senhor. Antes de começarmos a pensar em nós mesmos e em nossas próprias necessidades, antes de nossa preocupação com o próximo, devemos começar nossas orações por esse grande interesse acerca do Senhor Deus, de Sua honra, de Sua glória. Não existe princípio mais básico em conexão com o qual a vida cristã exceda a isso em grau de importância. (Lloyd, 1984, p. 345)

O caminho para uma comunhão íntima e verdadeira com Deus começa quando o discípulo de Cristo coloca o Senhor em primeiro lugar. Essa é a prioridade ensinada por Jesus e o fundamento de toda vida de oração: amar a Deus acima de todas as coisas. Por isso, Cristo declarou: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento” (Mt 22,37). É desse amor que nasce uma vida de comunhão, obediência e adoração ao Pai.

Dessa maneira, o discípulo de Cristo honra o nome de Deus por meio de sua adoração, do seu testemunho e de uma vida de obediência. Como cidadão do Reino, ele busca glorificar ao Senhor em todas as coisas, vivendo de acordo com os princípios ensinados por Jesus. Assim, as três primeiras petições do Pai Nosso encontram expressão não apenas nas palavras da oração, mas também na vida daquele que ora: “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu Reino; seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6,9–10).

As três primeiras petições do Pai Nosso revelam que Deus é um Pai que se relaciona de maneira pessoal com os seus filhos e é digno de todo amor, confiança e reverência. Ao mesmo tempo, elas ensinam que o discípulo de Cristo é chamado a viver em submissão, obediência e dedicação à glória do Senhor. Como afirma a Escritura: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1Co 10.31).

Assim, a adoração e a glorificação de Deus ocupam o primeiro lugar na vida de oração e na caminhada do discípulo. Antes de apresentar suas necessidades, ele aprende a buscar a honra do nome de Deus, o avanço do seu Reino e o cumprimento da Sua vontade.

CONEXÃO PESSOAL

Tenho colocado Deus em primeiro lugar na minha vida? Minha oração e minhas atitudes revelam que busco a santificação do seu nome, a expansão do seu Reino e o cumprimento da sua vontade acima dos meus próprios interesses? Ao chamar Deus de “Pai nosso”, tenho vivido com a confiança, a reverência e a submissão que essa relação exige?

3.2.1 Pai Nosso: Relação da Obediência Amorosa do Autêntico Filho

O primeiro princípio, ensinado por Jesus na oração do Pai Nosso, está presente nas palavras “Pai nosso”. Essa expressão revela um dos fundamentos da oração nas Escrituras: o discípulo é chamado a invocar um Deus único, santo e transcendente, que, por sua graça, estabeleceu uma aliança com o seu povo. É com base nessa

aliança, plenamente revelada em Cristo, que o discípulo pode aproximar-se de Deus com confiança e desfrutar de uma comunhão verdadeira com o Pai.

Ao dirigir-se a Deus como “Pai”, Jesus revela a intimidade do seu relacionamento com o Pai e, por meio dele, concede aos seus discípulos o privilégio da adoção como filhos de Deus. Embora, na Antiga Aliança, Israel já conhecesse Deus como Pai de seu povo, essa forma de tratamento era usada com grande reverência. Como observa Costa (2001, p. 18–19): “O povo de Israel tinha consciência da paternidade de Deus. E mesmo assim, não usavam esse termo a Deus. Para eles era um designativo tão familiar e íntimo que nenhum judeu ousava chamá-lo assim.”

A Oração Vivida

Não é possível chamar Deus de Pai e viver distante dele durante a semana. A filiação recebida pela graça produz comunhão, confiança e obediência. O Pai procura filhos que desejam Sua presença, não apenas seus benefícios.

Assim, ao ensinar a oração do Pai Nosso, Jesus revela que, por meio da sua obra redentora, o discípulo pode aproximar-se de Deus com reverência, confiança e a segurança de um filho recebido pela graça na família do Pai.

A expressão “Pai”, ensinada por Jesus, não representa apenas uma forma de invocar a Deus, mas revela a maneira como o discípulo deve se aproximar dele. Ao chamar Deus de Pai, Cristo cumpre e confirma o ensino de que somente o Senhor deve ocupar esse lugar supremo de autoridade e honra (Mt 23,9). Ao mesmo tempo, corrige a compreensão equivocada da religiosidade de sua época. Diferentemente dos fariseus, que cultivavam uma visão marcada pelo formalismo e imaginavam que muitas palavras ou práticas religiosas poderiam influenciar a ação de Deus, Jesus ensina que o Pai conhece todas as necessidades dos seus filhos antes mesmo que elas sejam apresentadas em oração.

Desse modo, a expressão “Pai nosso” revela que a oração não é um meio de persuadir Deus a fazer a vontade do homem, mas o caminho pelo qual o discípulo se aproxima do Pai em confiança, dependência e submissão à sua vontade soberana.

A palavra Vivida

Há cerca de vinte e dois anos, o Senhor transformou completamente a minha história. Houve ocasiões em que, durante os cultos, numa atitude de resistência ao chamado de Deus, eu chegava a tapar os ouvidos para não ouvir a pregação da sua palavra. Contudo, quando aprovou ao Senhor agir segundo a Sua graça soberana, toda a minha resistência foi vencida pelo chamado eficaz do Espírito Santo. Deus transformou o meu coração, concedendo-me arrependimento e fé em Cristo. Naquele momento, fui reconciliado com Deus por meio de Jesus Cristo e compreendi que minha salvação não foi resultado da minha vontade, mas da graça irresistível do Senhor, que me alcançou para fazer de mim um de seus filhos. Pela mesma graça que me reconciliou consigo, Cristo também confiou-me o ministério da reconciliação, para anunciar o evangelho e servir à expansão do seu Reino. Desde então, tenho aprendido que viver o "Pai Nosso" é muito mais do que recitar uma oração; é viver diariamente como filho do Pai, submetido ao governo do Rei e comprometido com os valores do seu Reino para a glória de Deus.

Ao ensinar seus discípulos a chamarem Deus de "Pai", Jesus resgata a verdade de um Deus próximo e pessoal, que se relaciona com os seus filhos em amor e fidelidade. Como um Pai que conhece perfeitamente aqueles que lhe pertencem, Deus sabe de todas as suas necessidades antes mesmo que sejam apresentadas em oração (Mt 6,5–8).

Por isso, a oração não existe para informar a Deus sobre aquilo que Ele desconhece, mas foi estabelecida por Ele como o meio pelo qual o discípulo desfruta de comunhão com o Pai, fortalece sua confiança em Sua providência e deposita nele toda a sua esperança. É na presença de Deus que o discípulo encontra o sustento, a direção e a resposta para todas as suas necessidades, sempre conforme a perfeita vontade do Senhor.

Deus é um Pai que cuida dos seus filhos e manifesta sobre eles o seu perfeito amor. Como ensina a Escritura, "a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus" (Jo 1.12). Por isso, ao ensinar a oração do Pai Nosso, Jesus revela, em primeiro lugar, que esse relacionamento filial pertence àqueles que verdadeiramente são seus discípulos e vivem debaixo do seu senhorio.

É por meio da obra de Cristo que o discípulo é recebido na família de Deus, regenerado pelo Espírito Santo, santificado e conduzido à comunhão com o Pai. Assim, ele tem o privilégio de aproximar-se de Deus e chamá-lo de “Pai”, não por mérito próprio, mas pela graça recebida em Jesus Cristo.

Essa verdade também traz ao discípulo de Cristo responsabilidades quanto à sua maneira de viver. Aquele que chama Deus de Pai é chamado a viver de modo digno do evangelho (Fp 1.27), refletindo em seu caráter, em suas atitudes e em seu testemunho a nova vida que recebeu em Cristo. A comunhão com Deus expressa na oração deve ser acompanhada por uma vida de obediência e fidelidade ao Senhor.

Foi esse o ensino de Jesus ao chamar seus discípulos para uma vida de entrega e compromisso com o Reino dos Céus. Assim, o discípulo não apenas dirige suas orações ao Pai, mas procura viver diariamente de maneira coerente com a vontade de Deus, colocando a sua glória acima dos próprios interesses.

O Pai Nosso ensina ao discípulo de Cristo a depositar sua plena confiança em Deus, reconhecendo-o como o Deus vivo e verdadeiro, revelado em seu Filho Jesus Cristo. Ao ensinar que seus seguidores devem chamá-lo de “Pai”, Jesus revela o privilégio da comunhão com Deus e conduz o discípulo a expressar, por meio da oração, amor, dependência e confiança naquele que cuida dos seus filhos.

O Pai celestial conhece as necessidades daqueles que lhe pertencem e provê tudo conforme a Sua perfeita vontade. Como Jesus ensinou: “Olhai para as aves do céu: não semeiam, nem colhem, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mt 6,26). Assim, antes de apresentar seus pedidos ao Senhor, o discípulo é chamado a aproximar-se de Deus com um coração confiante e agradecido, reconhecendo a graça de ter sido recebido como filho e participante das promessas em Cristo, sendo herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm 8,17).

Segundo a teologia sistemática de autoria do Dr. Wayne Grude, define que a “adoção em Cristo, nada mais é do que um ato de Deus por meio do qual Ele nos fez membros de sua família, (Grudem, 1999, p. 615), por meio do seu Filho, ao qual fez filhos de Deus:

Vindo, porém a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de recebêssemos a adoção de filhos. E, porque vós sois filhos de Deus, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai! De sorte

que já não és escravo, porém filho; e sendo filho, também herdeiro por Deus (Bíblia, Gálatas 4,4-7, Online).

Fica claro que todos os benefícios e os privilégios dos filhos de Deus em sua plenitude só ocorrem mediante Cristo e o próprio Espírito de Deus derramado no coração do seu povo, como afirmou o apóstolo Paulo, que o Espírito testifica que somos filhos de Deus (Rm 8,14-17), sendo concedida aos discípulos do Senhor o imenso privilégio de referir-se a Deus como expresso no “Pai Nosso”, “Calvino explica que chamar Deus de “Pai” é orar em nome de Jesus.” (Keller, 2016, p. 140).

Wayne Grudem sintetiza que o papel mais íntimo do Cristão é:

A comunhão com Deus como nosso Pai é o fundamento de muitas outras bênçãos da vida cristã e torna-se o principal meio pelo qual nos dirigimos a Deus. Certamente é verdade que Deus é nosso Criador, nosso Juiz, nosso Senhor e Mestre, nosso Instrutor, Provedor e Protetor, aquele que por meio de seu cuidado providencial sustenta nossa existência. Contudo, o papel mais íntimo e que transmite os mais altos privilégios de associação com Deus pela eternidade é seu Papel como nosso Pai Celestial. (Grudem, 1999, p.618)

A condição de ter sido recebido como parte da família de Deus, conforme apresentado anteriormente, conduz o discípulo regenerado a viver de acordo com a vontade do Senhor. Essa nova identidade em Cristo não apenas concede privilégios, mas também envolve responsabilidades: honrar a Deus, obedecer aos seus mandamentos e refletir, por meio da sua vida, o caráter daquele que o chamou para pertencer ao seu povo. Como afirma o teólogo Markus Silva:

A realidade da nossa condição de membros da família de Deus deverá estar na nossa mente durante todo o tempo que passamos conversando com o Pai, pois, apenas quando nos aproximamos do Seu trono na condição de filhos e filhas é que teremos a certeza de que seremos ouvidos e prontamente atendidos em todas as nossas necessidades, [...] (Silva, 2019, p. 01).

A oração do Pai Nosso inicia destacando que Deus é o Pai daqueles que foram alcançados pela sua graça e pertencem ao seu povo, formado por pessoas de “[...]toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9). Essa verdade revela que a oração ensinada por Jesus possui uma dimensão pessoal e também comunitária, pois o discípulo não se aproxima do Pai isoladamente, mas como parte da família da fé.

Ao utilizar a expressão “Pai nosso”, Cristo ensina que a prioridade da oração deve ser a honra, a glória e a exaltação de Deus. Antes de apresentar suas próprias necessidades, o discípulo é conduzido a reconhecer a grandeza do Pai e a colocar

Sua vontade acima de todas as coisas. Como comenta o Dr. Martyn Lloyd-Jones sobre a invocação de Deus:

Se ao menos iniciássemos as nossas orações com esse real senso de invocação a Deus; se ao menos nos lembrássemos de que estamos na presença mesma do Senhor, se ao menos nos lembrássemos que o Deus eterno e todo-poderoso está ali, contemplando-nos como nosso Pai, mais bem disposto a abençoar-nos do que nós estamos dispostos a ser abençoados, e também a cercar-nos com o Seu amor, então obteríamos muito mais da parte daqueles momentos de tomada de consciência ou lembrança do que todas as nossas orações juntas são capazes de obter sem essa percepção. Oxalá todos tivéssemos esse profundo interesse por Deus, por Sua honra e glória! Agora já nos conscientizamos do fato que estamos na presença de Deus, do fato que Ele é o nosso Pai Celeste. (Lloyd, 1984, p. 345).

A maior expressão do relacionamento da Igreja com Deus está no reconhecimento de que ele é o Pai de todo o seu povo. Essa verdade deve conduzir os discípulos a uma vida de adoração, obediência e gratidão diante do Senhor. Ao reconhecerem a paternidade divina revelada em Cristo, os fiéis respondem ao primeiro ensino da oração do Pai Nosso: aproximar-se de Deus como Pai, vivendo de maneira coerente com essa nova identidade recebida pela graça.

CONEXÃO PESSOAL

Tenho me aproximado de Deus como um filho recebido pela graça em Cristo, com confiança, reverência e submissão? Minha vida tem refletido a identidade de alguém que chama Deus de Pai, por meio da obediência, da gratidão e da busca pela sua glória? Ao orar “Pai nosso”, tenho reconhecido que pertenço à família da fé e que minha vida deve expressar o amor, a confiança e a responsabilidade de um verdadeiro discípulo de Cristo?

“Quem conhece Deus como Pai aprende a obedecê-lo como Filho.”

3.2.2 “Nos Céus”: Exaltando o Pai com Coração de Filho

O segundo princípio desenvolvido, neste livro, está diretamente relacionado ao primeiro: a paternidade de Deus e o seu cuidado amoroso para com os seus filhos. O Pai revelado por Jesus não é um Deus distante ou impessoal, mas um Deus vivo e verdadeiro, que se relaciona com o seu povo. Por meio da adoção realizada em Cristo,

o discípulo recebe, pela graça de Deus, o privilégio de aproximar-se dele e dirigir-lhe sua oração dizendo “Pai nosso”¹¹.

Contudo, Jesus acrescenta: “[...]que está no céu”¹², que segundo Carson (2010 p. 209), “pode ser uma formulação mateana”. Essa afirmação revela não apenas a proximidade de Deus como Pai, mas também Sua majestade, transcendência e soberania. Como declarou o profeta Isaías: “Porque assim diz o Alto e o Sublime, que habita a eternidade, e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e vivificar o coração dos contritos” (Is 57.15).

Dessa forma, Deus é apresentado nas Escrituras como aquele que está acima de toda criação, mas que também se aproxima daqueles que são seus. Como afirma Martín (2001, p. 59), “Deus é, a um só tempo, o próximo e o distante, o imanente e o transcendente”. A Bíblia declara: “O nosso Deus está nos céus” (Sl 115,3), revelando Sua soberania e autoridade sobre todas as coisas.

A expressão “nos céus”, portanto, não foi ensinada por Jesus como uma simples referência ao lugar onde Deus habita, nem como uma fórmula religiosa, mas como uma declaração da grandeza e singularidade do Pai. Ele é o Deus santo, eterno e transcendente, aquele que habita em “luz inacessível” (1Tm 6,16), cuja majestade ultrapassa toda compreensão humana, pois nem mesmo os céus dos céus podem contê-Lo (1Rs 8,27). Ao mesmo tempo, esse Deus soberano governa e sustenta todas as coisas, exercendo seu domínio perfeito sobre toda a criação, como afirmou Packer (2009):

Significa que está que está nos céus livre de todas as limitações, deficiências e defeitos que são encontrados nos pais terrenos e que sua paternidade, assim como todos os seus outros relacionamentos, é, de todos os ângulos, absolutamente ideal, perfeita e gloriosa. (Packer, 2009, p. 33-34)

Desde o início do Sermão do Monte, Jesus ensinou aos seus discípulos que toda a vida deveria ser orientada para a glória de Deus. As bem-aventuranças já revelavam o caráter daqueles que pertencem ao Reino dos Céus, preparando o caminho para o ensino da oração do Pai Nosso. Nesse contexto, Jesus mostra que o

¹¹ Cf. Mt 6,9.

¹² Cf. Mt 6,9.

discípulo deve viver para honrar e glorificar o Pai celestial, reconhecendo sua santidade, soberania e autoridade.

Assim, a oração ensinada por Cristo não apresenta apenas palavras a serem pronunciadas, mas revela uma postura de vida diante de Deus. Ao ensinar seus discípulos a orar ao “Pai nosso, que estás nos céus” (Mt 6,9), Jesus os conduz a uma relação marcada por confiança, reverência e submissão àquele que reina acima de todas as coisas.

Ao expressar “Pai nosso, que estás nos céus”, o discípulo de Cristo é conduzido a uma atitude de confiança, mas também de profunda reverência diante de Deus. A intimidade concedida pelo Pai celestial não elimina o temor e a santidade que devem acompanhar a aproximação do cristão em oração. Pelo contrário, quanto mais o discípulo conhece o amor de Deus, mais ele reconhece Sua grandeza, majestade e dignidade.

Essa relação filial não deve conduzir à familiaridade irreverente, mas a uma comunhão marcada por amor, humildade e submissão. Assim como o povo de Israel demonstrava profundo respeito ao mencionar o nome de Yahweh na Antiga Aliança, reconhecendo a santidade e a majestade de Deus, o discípulo de Cristo também é chamado a aproximar-se do Pai com confiança, porém com um coração reverente diante do Todo-Poderoso.

Dessa forma, Jesus ensina que os seus discípulos receberam, pela graça, o privilégio de se achegarem ao Criador dos céus, não como estranhos, mas como filhos adotados em Cristo. Essa proximidade, entretanto, permanece fundamentada na santidade de Deus. Como afirma Packer (2009, p. 32): “Um plano diferente do nosso, mais do que um lugar diferente. O Deus no céu está sempre próximo dos seus filhos na terra, isso é algo que a Bíblia admite do começo ao fim.”

O ensino presente na expressão “céus”, apresentado anteriormente, revela a grandeza, a transcendência e a imanência de Deus.

A Oração Viva

Quanto maior é sua visão da majestade de Deus, menor se torna sua autoconfiança. Toda oração começa quando o coração deixa de contemplar a si mesmo e passa a contemplar o Senhor.

Ao mesmo tempo, demonstra que esse Deus santo e majestoso se aproxima do seu povo com amor e graça. Essa verdade conduz o discípulo de Cristo a uma postura de adoração reverente diante do Pai, reconhecendo que a principal prioridade da oração é a glorificação do seu nome.

O centro da oração não está no homem, mas em Deus. Ele é o Pai que acolhe seus filhos e o Senhor soberano que reina nos céus. Por isso, Jesus ensina que aqueles que pertencem a Deus devem adorá-Lo em espírito e em verdade”, glorificando acima de todas as coisas.

Ao revelar o Pai celestial, Cristo também demonstra a profundidade do amor de Deus: o Deus transcendente, que habita em majestade, aproximou-se da humanidade por meio da encarnação do seu Filho e realizou a reconciliação com aqueles que eram seus inimigos por causa do pecado. Pela graça, ele libertou o seu povo do domínio do pecado e o recebeu como família, concedendo aos discípulos o privilégio de chamá-lo de Pai. Como expressa Orígenes:

“Quando se diz o Pai dos santos está no céu, não devemos imaginar que ele tenha forma corporal e habite no céu [...]. Ao contrário, devemos crer que é ele na inefável potência da sua divindade, que compreende tudo e a tudo contém”. (Tertuliano et al., 2001, p. 149)

O discípulo de Cristo é chamado a aproximar-se de Deus com humildade e reverência, reconhecendo, por meio da oração ensinada por Jesus, que está diante de um Deus santo, justo e soberano. Ao mesmo tempo, essa aproximação é marcada por grande alegria e confiança, pois o Pai celestial ouve as orações dos seus filhos e se relaciona pessoalmente com eles.

Deus conhece plenamente o seu povo, sabe das suas necessidades e está atento às palavras daqueles que se achegam a ele em oração. Essa verdade não revela apenas que Deus escuta, mas também demonstra o cuidado amoroso do Pai, que convida seus filhos a desfrutarem de uma comunhão verdadeira com ele.

CONEXÃO PESSOAL

Tenho me aproximado de Deus com a confiança de um filho e a reverência de quem está diante do Deus soberano, santo e majestoso? Minha intimidade com o Pai tem aumentado minha adoração, humildade e submissão à sua vontade? Ao orar “Pai

nosso, que estás nos céus”, tenho reconhecido verdadeiramente quem Deus é e quem sou diante dele?

“Uma visão elevada de Deus produz uma vida humilde diante dEle.”

3.2.3 Santificado Seja o Teu Nome: Deus como Centro do Coração do Filho

A primeira petição do Pai Nosso, “Santificado seja o teu nome” (Mt 6,9), revela uma das principais prioridades ensinadas por Jesus aos seus discípulos: a exaltação da santidade e da glória de Deus. Essa petição retoma os princípios apresentados anteriormente na oração, mostrando que aqueles que se aproximam do Pai celestial devem reconhecer sua grandeza e viver para honrar o seu nome.

O privilégio de estar na presença de Deus não se fundamenta em méritos humanos, mas na graça da aliança estabelecida por meio de Cristo. Pela obra redentora do Filho, os discípulos são recebidos como filhos de Deus e chamados a viver de maneira que reflita a santidade daquele que os chamou para pertencer ao seu povo.

O mesmo Pai que demonstra amor e cuidado para com o seu povo também é o Deus transcendente, santo e majestoso, digno de toda adoração e reverência. Por isso, Jesus conduz seus discípulos a uma vida que glorifique o “Pai nosso, que estás nos céus”¹³, e, em seguida, apresenta a primeira petição: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9).

Essa expressão revela a importância que o nome de Deus possui nas Escrituras. Para os judeus, o nome representava muito mais do que uma simples identificação; expressava o caráter, a natureza e a própria revelação de Deus. Por isso, tratavam o nome divino com profundo temor e reverência, reconhecendo sua própria limitação e indignidade diante da santidade do Senhor. Assim, em muitos momentos, evitavam pronunciar diretamente o nome Yahweh, utilizando outras expressões pelas quais Deus havia se revelado.

Embora algumas práticas tenham assumido formas extremas ao longo da história, o princípio central permanece: o nome de Deus merece ser honrado porque revela quem Ele é. Dessa maneira, Jesus ensina que o discípulo deve aproximar-se

¹³ Cf. Mt 6,9.

do Pai com confiança, mas também com profundo respeito, desejando que Sua santidade seja reconhecida e glorificada em toda a sua vida.

Quanto à invocação ao nome de Deus, o exemplo dos israelitas na Antiga Aliança, são dignos de referência louvável de suas posturas diante da invocação ao nome de Deus, assim como relatado por Packer (2009) em seu livro: “O “nome” de Deus na Bíblia normalmente significa a pessoa d’Ele revelada.” (Packer, 2009, p. 37).

Portanto, a expressão ensinada por Jesus na oração do Pai Nosso não significa acrescentar algo à grandeza, à santidade ou à glória de Deus, como se algo pudesse ser completado nele. A Palavra de Deus revela que o Pai é plenamente perfeito em seu ser, não necessitando de qualquer complemento humano, pois dele procede toda plenitude ¹⁴.

Ao ensinar “Santificado seja o teu nome” (Mt 6,9), Jesus não está mostrando uma necessidade de Deus receber algo que lhe falte, mas conduzindo seus discípulos a reconhecerem aquilo que Ele já é: santo, glorioso e digno de toda honra. Essa petição revela o chamado para que o discípulo contemple a majestade de Deus e viva de maneira coerente com essa realidade, demonstrando, por meio de suas palavras, atitudes e escolhas, que o nome do Senhor merece ser exaltado acima de todas as coisas.

Assim, santificar o nome de Deus significa reconhecer sua santidade, honrá-lo como ele merece e viver para que sua glória seja manifesta na vida daqueles que pertencem ao seu Reino, conforme também expressa Carson:

“[...] orar para que o ‘nome’ de Deus seja ‘santificado’ [...] não é o mesmo que orar para que Deus se torne santo, mas para que ele seja tratado como santo [...], que o nome dele não seja desprezado [...] por meio dos pensamentos e da conduta dos que foram criados à imagem dele. (Carson, 2010 p. 209).

A Oração Viva

O nome de Deus é santificado quando a vida do discípulo confirma aquilo que seus lábios professam. A maior pregação do evangelho continua sendo uma vida transformada pela graça.

O próprio Filho de Deus foi o maior exemplo para seus discípulos de como buscar a glória do Pai. Ao ensinar a oração: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9),

¹⁴ Cf. Jo 1,16; 2 Co 4,7-10; Is 64,4.

Jesus não apenas instruiu com palavras, mas viveu essa realidade em todo o seu ministério terreno. Ele declarou: "Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me deste para fazer" (Jo 17.4-5) e também afirmou: "Não busco a minha própria glória" (Jo 8.50). Assim, aprendemos que santificar o nome de Deus é viver para que toda honra, glória e louvor sejam dirigidos exclusivamente ao Pai.

A Oração Vivida

Antes de perguntar se Deus está respondendo suas orações, pergunte se sua vida está respondendo à vontade revelada de Deus nas Escrituras.

A partir do próprio exemplo de Cristo, vemos seu profundo zelo em glorificar o Pai acima de todas as coisas. Toda a sua vida foi marcada pela obediência à vontade de Deus (Jo 4,34), pelo anúncio do Reino aos homens (Mc 1,14-15) e pelo desejo de que o nome do Pai fosse conhecido e exaltado. Assim, Jesus viveu inteiramente para a glória de Deus, como destaca o Dr. Martin Lloyd-Jones ao refletir sobre Cristo e a glorificação do Pai em favor da humanidade.

Cristo já havia contemplado e já havia participado plenamente dessa glória, na eternidade passada. Estava pleno desse senso da glória de Deus, e o Seu único anelo era que a humanidade viesse a conhecê-la e experimentá-la também. (Lloyd, 1984, p. 347)

A petição "Santificado seja o teu nome" conduz todo discípulo de Cristo ao mesmo ensino dado aos doze apóstolos. Ela nos chama a reconhecer a bondade, a santidade, o caráter e a glória de Deus, vivendo de modo que o seu nome seja honrado tanto em nossa comunhão com Ele quanto em nosso relacionamento com o próximo.

Isso nos lembra da grande responsabilidade de colocar Deus em primeiro lugar. Antes de qualquer necessidade ou interesse pessoal, a prioridade do discípulo é engrandecer e glorificar o nome do Senhor. Essa deve ser a disposição do coração em cada oração e em toda a vida, como declarou o salmista: "Engrandecei ao Senhor comigo; e todos, a uma, exaltemos o seu nome." (Sl 34,3). Ao comentar esse texto, o Dr. Martin Lloyd-Jones destaca que o maior interesse do salmista é a exaltação do nome de Deus:

A grandeza de Deus transparecesse cada vez mais intensamente entre os homens. Por conseguinte, entre nós mesmos, que ainda estamos vivendo neste mundo, podemos magnificar o nome do Senhor. Podemos fazê-lo por meio de nossas palavras, mas também através de nossas vidas, servindo de espelhos da grandeza e da glória de Deus e de Seus gloriosos atributos. (Lloyd, 1984, p. 348).

Como visto, o discípulo de Cristo é chamado não apenas a orar para a glória de Deus, mas também a viver para ela. Seu testemunho deve refletir o caráter de Cristo em todos os contextos da vida: na família, no trabalho, na convivência social e na comunidade, manifestando, em suas atitudes, os valores do Reino de Deus. Nesse sentido, Stott (2008) afirma:

O nome de Deus não é uma simples combinação de letras D, E, U, S. O nome representa a pessoa que o usa, o seu caráter e a sua atividade. Portanto o “nome” de Deus é o próprio Deus, como ele é em si mesmo e se tem revelado. Seu nome já é “santo”, porque é separado e exaltado acima de qualquer outro nome. Mas nós oramos que ele seja santificado, “tratado como santo”, porque desejamos ardentemente que a devida honra lhe seja dada, isto é, àquele cujo nome representa, em nossas próprias vidas, na igreja e no mundo. (Stott, 2008, p. 150).

Enfim, essa petição conclama cada discípulo de Cristo a invocar o nome de Deus com reverência, honra, louvor e exaltação, colocando-o acima de todas as coisas. Nesse sentido, Packer (2009), ao comentar o Breve Catecismo, afirma que:

O fim principal do homem”, diz de maneira magnífica o breve catecismo, “é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”. “Fim”, e não “fins”, pois as duas atividades são uma. O propósito primário de Deus, representado em tudo o que faz, é sua glória (e que fim superior ele pode ter?), e ele nos fez de tal maneira que encontramos nossa mais profunda realização e mais alta alegria em santificar seu nome por meio do louvor, submissão e serviço. (Packer, 2009, p. 41).

Em síntese, o homem foi criado para glorificar a Deus e reconhecer a sua majestade. Por isso, diante de todas as bênçãos que dele recebe, deve honrá-lo com toda a sua vida, inclusive em suas orações, lembrando-se de que está na presença de um Deus santo. Essa verdade deve produzir reverência, santo temor e sincera adoração, expressos em palavras, pensamentos e em um testemunho irrepreensível, para que o nome do Senhor seja verdadeiramente santificado (Mt 6,9) diante de Deus e daqueles que nos cercam.

CONEXÃO PESSOAL

Tenho buscado, em minha vida e em minhas orações, que o nome de Deus seja verdadeiramente santificado? Minha maneira de pensar, falar e agir tem honrado o caráter santo do Pai? Se o propósito da minha vida é glorificar a Deus, o meu testemunho tem refletido essa prioridade diante da minha família, do meu trabalho, da igreja e das pessoas ao meu redor?

“Deus não procura palavras santas, mas vidas santificadas.”

3.2.4 Venha o Teu Reino: A Oração que nos Confronta

A segunda petição da oração dominical, "Venha o teu reino"¹⁵, dá continuidade aos princípios ensinados por Jesus e já apresentados neste livro. Como observa (Lloyd, 1984), há uma ordem divina nessa oração: "Começamos solicitando que o nome de Deus seja santificado entre os homens" (p. 349). Antes de qualquer outro pedido, o discípulo é chamado a reverenciar e honrar o nome do Senhor. Da mesma forma, a petição "Venha o teu reino" deve ser compreendida à luz da primeira. Assim como "Santificado seja o teu nome"¹⁶, não significa tornar Deus mais santo, pois Ele é perfeitamente santo em seu ser, "Venha o teu reino" não significa que Deus passe a ser Rei, pois Ele sempre reinou. Essa petição expressa o desejo de que o seu governo seja reconhecido, acolhido e manifestado entre os homens, verdade já revelada desde a Antiga Aliança, como mostram as Escrituras, por exemplo, em 1 Samuel.

E sucedeu que, tendo Samuel envelhecido, constituiu a seus filhos por juízes sobre Israel. E o nome do seu filho primogênito era Joel, e o nome do seu segundo, Abia; e foram juízes em Berseba. Porém seus filhos não andaram pelos caminhos dele, antes se inclinaram à avareza, e aceitaram suborno, e perverteram o direito. Então todos os anciãos de Israel se congregaram, e vieram a Samuel, a Ramá, E disseram-lhe: Eis que já estás velho, e teus filhos não andam pelos teus caminhos; constitui-nos, pois, agora um rei sobre nós, para que ele nos julgue, como o têm todas as nações. Porém esta palavra pareceu mal aos olhos de Samuel, quando disseram: Dá-nos um rei, para que nos julgue. E Samuel orou ao Senhor. E disse o Senhor a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não te têm rejeitado a ti, antes a mim me têm rejeitado, para eu não reinar sobre eles. Conforme a todas as obras que fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até ao dia de

¹⁵ Cf. Mt 6,9.

¹⁶ Cf. Mt 6,9.

hoje, a mim me deixaram, e a outros deuses serviram, assim também fazem a ti. (Bíblia, 1 Samuel, 8,1-7, Online)

O Reino de Deus-Pai, revelado na petição ensinada por Jesus: "Venha o teu reino" (Mt 6,10), é um tema presente em toda a história da redenção, desde a Antiga até a Nova Aliança. Embora, muitas vezes, apresentado por diferentes expressões, como vista pelo profeta da Antiga Aliança João Batista, por João Batista, que declarou: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 3,1-2). Assim, o Reino revela o governo soberano de Deus e o chamado ao arrependimento e à submissão ao seu senhorio.

A Oração Vivida

Onde Cristo governa o coração, seu Reino já começou a ser manifestado. Quem ora por seu Reino também aceita que o Rei governe seus planos, desejos e prioridades.

A mesma mensagem anunciada pelo profeta João Batista também foi proclamada por Jesus: "Desde então começou Jesus a pregar, e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o reino dos céus" (Mt 4.17). Assim, ao ensinar a segunda petição da oração dominical — "Venha o teu reino" (Mt 6.10) — Jesus direciona seus discípulos a reconhecerem e desejarem a manifestação do governo soberano de Deus-Pai. Alves (2017) afirma que o conceito de Reino, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, preserva uma relação fundamental com a autoridade e o governo de Deus. No Antigo Testamento, a raiz hebraica *mlk* expressa a ideia de exercer autoridade suprema sobre um povo em determinado lugar (Alves, 2017, p. 28 apud Zabatiero, 2000, p. 2035). Já na Nova Aliança, o Reino de Cristo revela o exercício da soberania divina na obra redentora e no juízo de Deus sobre a humanidade, cumprindo as promessas messiânicas anunciadas no Antigo Testamento (Alves, 2017, p. 28 apud Zabatiero, 2000, p. 2036).

Na perspectiva de Morris (2003), o termo grego *basileia* não aponta principalmente para um território, mas para um domínio, uma realidade em que Deus age e manifesta sua soberania na vida das pessoas. Esse entendimento também é apresentado por Costa (2001), ao tratar do significado do Reino de Deus:

O Reino de Deus é o Reinado de Deus, o governo triunfante de Cristo sobre todas as coisas, visíveis e invisíveis. "O Reino de Deus significa que Deus é Rei e age na história para trazer a história a um alvo divinamente determinado." Falar no Reino é apontar para a concretização do propósito de Deus em Cristo, libertando os homens do poder de Satanás, conduzindo-os à liberdade concedida por Cristo, o Senhor. (Costa, 2001, p. 36).

O reino de Deus ou reino dos céus, será apresentado nesse livro como concepção de mesma equivalência a mesma realidade entre si, de acordo com a minha percepção, e será defendido neste livro por uma única ótica que acredito ser a mais convincente, que esse reino já foi inaugurado e está presente entre nós de forma espiritual, aguardando a sua plenitude e consumação na segunda vinda do Messias, como também expressou o (Lloyd, 1984), "O reino é, antes de tudo, algo que está "dentro em vós".

Trata-se daquilo que governa e controla o coração, a mente e as atitudes do indivíduo. Longe de ser algo que conduz a grande poderio militar, destina-se aos "humildes de espírito". (p. 14), respaldado na existência sim de um milênio, mas não um milênio literal, com tempo cronológico datado para Cristo reinar, mas no que se refere a um milênio não literal, que Cristo já está entronizado como Rei, e a Igreja invisível de Cristo já reina com ele, ainda que de modo espiritual, milênio, esse visto como simbólico, como defendido pelos amilenistas, porém negando em síntese do que a palavra "amilenismo", quer dizer em seu significado, como "amilenismo significa literalmente "sem milênio".

Um amilenista, Jay Adams, sugeriu o termo "milenismo realizado" no lugar", acredito que o "milênio", já está sendo cumprido na era presente do discípulo de Cristo, e que o reino prometido, que está para acontecer como relatado em Marcos e alguns outros textos bíblicos, que anuncia que o reino está próximo, "O tempo é chegado", dizia ele. "O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!" (Mc 1,15), trata-se de um reino espiritual, ou seja, reino celestial, assim como acreditam os amilenistas, tanto no que se refere a Satanás amarrado, quanto ao milênio literal, quando ao reinado físico de Cristo em escatologia futurística, acreditando que quando Cristo voltar de modo visível, onde todo olho o verá, ele continuará o reino eterno de Deus, nos novos céus e novas terras com a sua igreja.

Todo o discípulo de Cristo é desafiado com a mesma equivalência, que o colegiado dos dozes apóstolos foi, a viverem de acordo com as realidades do reino de Deus, pois todos os discípulos de modo geral, são participantes desse reino, e são

convocados por Deus a desenvolverem um relacionamento saudável com Deus-Pai, e clamarem a Ele, cumprindo tamanha missão que foi confiada ao discípulo de Cristo da expansão do seu reino, com vidas sendo adicionadas a esse reino, como dito por Packer (2009):

Ele existe onde as pessoas declaram Jesus como o Senhor de suas vidas. Quando Jesus começou a pregar que “o reino de Deus está próximo” (literalmente: “se aproxima”), ele queria dizer que a tão esperada promessa da salvação de Deus, aguardada por Israel, estava ali, acessível a todos os homens (Mc 1.15). Como eles entrariam no reino? Os Evangelhos respondem a essa pergunta de maneira completa: ao se tornarem discípulos de Jesus, ao lhe darem a lealdade de seus corações e permitirem que ele reformatasse suas vidas; ao receberem o seu perdão; ao se identificarem com os seus interesses; ao amá-lo sem reservas e lhe darem prioridade sobre todas as outras coisas - em resumo, ao manifestarem o que Paulo chamou de “a fé que atua pelo amor” (Gl 5.6), a fé que reconhece e recebe Jesus Cristo como, nas palavras de Pedro, “Senhor e Salvador” (2Pe 1.11; 2.20; 3.2 e 18). (Packer, 2009, p. 46).

A Oração Vivida

A expansão do Reino começa dentro do coração do discípulo antes de alcançar outras pessoas.

O discípulo de Cristo quando convocado por Cristo, para expressar, que, “Venha o teu reino”, está sendo chamada por Cristo a tão somente clamar ao Rei para que ele encha o coração dos homens e mulheres pela real presença desse rei, não somente a ideia de uma petição, porém também de cumprimento, como real necessidade de cumprir o chamado anunciado por Cristo de ser anunciante da palavra de seu reino, ficando implícito e também sendo comprovado pela própria palavra de Deus, que o mundo clama por socorro, pois o mundo, no qual “[...] todo o mundo está no maligno.” (1 Jo 5,19).

O mundo encontra-se sob o domínio das trevas, pertencente ao reino de Satanás, mas Deus, por meio de Cristo, resgatou aqueles que estavam sob esse domínio e os transportou para o Reino do Filho do seu amor: “Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do seu amor” (Cl 1,13). Agora, como cidadãos do Reino de Deus, aqueles que foram alcançados pela graça e experimentaram o novo nascimento são chamados a participar da missão confiada pelo Senhor, anunciando e refletindo os valores do seu Reino. Como Jesus ensinou a Nicodemos: “Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus” (Jo 3,5).

Orar de acordo com essa petição remete a obedecer ao chamado da missão de Cristo a todas as nações, que deve ser vivida entre eles, e ser expandida por toda a raça, tribo, língua, povos e nação, tendo como principal fundamento que o Reino de Deus é a manifestação do Jesus encarnado.

Berkhof (2012) comenta que a Igreja visível “compartilha o caráter invisível (sendo ambas uma só) como meio para realização do Reino de Deus” (Berkhof, 2012, p. 523), por isso constitui um dos padrões de maiores cuidados como seres pertencentes dessa reunião de cumprir o chamado desse reino, ou seja a Igreja visível possui uma estreita relação do reino de Deus-Pai, como expressou Berkhof (2012), que a Igreja de Cristo, “Constituem um reino em sua relação com Deus em Cristo como seu governador, e uma Igreja em sua separação do mundo na devoção a Deus, e em sua união orgânica uns com os outros” (Berkhof, 2012, p. 523), isso deve levar o discípulo de Cristo a ambicionar antes tudo, a vinda do seu reino, que se aproxima, e cumprir tal missão, expressa pelo apóstolo, Pedro, “[...] esperando e apressando a vinda do dia de Deus...” (II Pedro 3,12), sendo desafiados como comentou o autor em seu livro:

[...] “venha o teu reino” é profundo e comprometedor, pois quem ora assim deve estar pronto para acrescentar: “e que comece comigo, faça de mim uma pessoa totalmente obediente. Mostre-me meu lugar entre os ‘cooperadores do reino de Deus’ (Cl 4.11) e usa-me quanto for necessário para difundir o reino e assim responder com a minha vida a essa oração”. (Packer, 2009, p. 43).

Fica evidente que o Reino de Deus caminha para sua consumação final, quando Cristo estabelecerá plenamente sua justiça. Aqueles que permanecem em seus pecados e rejeitam o senhorio de Deus enfrentarão o justo juízo divino. Por isso, os discípulos de Cristo são chamados a viver como proclamadores desse Reino, anunciando as boas-novas e refletindo, por meio de suas vidas, a glória de Deus-Pai. Assim, a petição “Venha o teu reino” encontra sua expressão na vida daqueles que desejam que o governo de Deus seja reconhecido e manifestado em toda a criação.

CONEXÃO PESSOAL

Ao orar “Venha o teu Reino”, desejo verdadeiramente que o governo de Deus alcance meu coração e transforme minha vida? Estou disposto a submeter-me ao senhorio de Cristo, abandonar aquilo que se opõe à Sua vontade e viver como cidadão

do seu Reino? Tenho compreendido que pedir a vinda do Reino também me chama a participar de sua proclamação, anunciando o evangelho e refletindo, com minha própria vida, os valores do Reino de Deus?

“Quem deseja o Reino precisa viver inteiramente a realidade do Reino.”

3.2.5 Seja feita a tua vontade- O Descanso da Rendição do filho

A terceira petição da oração ensinada por Jesus: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10), segue a mesma sequência de princípios apresentados nas petições anteriores. Ao ensinar “Venha o teu reino”, Jesus revelou que o Reino de Deus foi inaugurado em sua pessoa e obra, tornando seus discípulos cidadãos desse Reino e chamados a viver conforme seus valores, participando da missão de proclamá-lo. Da mesma forma, ao ensinar “Santificado seja o teu nome”, Cristo mostrou que o propósito do discípulo é honrar e reverenciar o Pai em todas as áreas da vida, por meio de suas atitudes, pensamentos e condutas. Assim, a petição “Seja feita a tua vontade” conduz o discípulo a uma vida de submissão e obediência à vontade soberana de Deus.

A Oração Vivida

Enquanto insistimos em controlar tudo, experimentamos ansiedade. Quando nos rendemos ao Senhor, encontramos descanso.

Ao ensinar a terceira petição: “Seja feita a tua vontade”¹⁷ Jesus chama seus discípulos a uma vida de obediência e submissão ao governo de Deus. A palavra “submissão” expressa a ideia de reconhecer uma autoridade superior e colocar-se voluntariamente sob sua direção. Conforme Vine (2002)¹⁸, “submissão significa “a ação ou efeito de submeter-se, de acatar ordens sem se opor; obediência e subordinação”. Assim, submeter-se à vontade de Deus não significa uma atitude passiva, mas uma entrega consciente e confiante ao Senhor. Como afirma Packer

¹⁷ Cf. Mt 6,10.

¹⁸ VINE, W. E. Dicionário Vine: O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

(2009), “o propósito da oração se torna claro: não que Deus faça a minha vontade (que seria superstição), mas alinhar minha vontade com a dele (que é a prática da verdadeira religião)” (p. 51). Dessa forma, a verdadeira oração conduz o discípulo a desejar que a vontade soberana de Deus prevaleça em sua vida.

Os discípulos de Cristo são chamados a uma verdadeira renúncia diante daquele a quem dirigem suas orações. O pronome possessivo “**tua**” revela que a vontade apresentada nesta petição pertence exclusivamente a Deus-Pai, e não aos desejos humanos. Assim, a oração cristã não busca simplesmente respostas conforme a própria vontade, mas um coração disposto a se alinhar ao propósito soberano de Deus. Como expressa o apóstolo João em sua carta:

“E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos. (Bíblia, 1 João 5, 14-15, Online).

A vontade de Deus foi perfeitamente cumprida no próprio exemplo de Cristo, que veio ao mundo em completa obediência ao Pai: “Porque eu desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou” (Jo 6.38). Jesus demonstrou a verdadeira submissão ao abrir mão de sua vontade e obedecer a vontade de Deus-Pai, que lhe exigiu renúncia. Sua vida revela que obedecer à vontade divina envolve entrega, confiança e renúncia. Conforme Packer (2009), o termo “vontade” presente nessa petição expressa:

A palavra grega para “seja feita”, tanto na oração do Pai-nosso quanto na história do Getsêmani, literalmente significa “acontecer”. Aqui a vontade de Deus significa duas coisas - seu propósito para os acontecimentos e seu mandamento para seu povo. Com respeito ao propósito para os acontecimentos, “seja feita a tua vontade” expressa o espírito de mansidão, que aceita sem se queixar o que Deus envia ou deixa de enviar. Em relação a um mandamento para o seu povo, pedimos a Deus que nos ensine tudo que devemos fazer e que nos faça capazes e desejosos de cumprir o seu querer. (Packer, 2009, p. 53).

O discípulo de Cristo é chamado a orar conforme essa petição: “Seja feita a tua vontade”. Essa oração conduz o cristão a colocar como prioridade, diante de Deus, a obediência à sua Palavra, refletindo-a em suas atitudes, pensamentos e comportamentos. É nas Escrituras que a vontade de Deus é revelada, orientando o discípulo a viver de maneira que agrade ao Senhor e cumpra seus propósitos em todas as áreas da vida:

Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redargüir, para corrigir, para instruir em justiça; Para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra. (Bíblia 2 Timóteo 3,16-17, Online).

Sobre o discípulo de Cristo está o chamado para permanecer firme no bom combate da fé durante toda a sua peregrinação neste mundo. Ao longo da caminhada, ele experimentará tanto as bênçãos concedidas por Deus quanto os períodos de dificuldades e provações.

A Oração Vivida

A maior batalha da oração não acontece entre Deus e o homem, mas entre a vontade de Deus e a vontade do próprio discípulo.

Contudo, todas as circunstâncias devem ser compreendidas à luz da vontade soberana do Senhor, que conduz e sustenta seus filhos em todos os momentos, sejam de prosperidade ou de adversidade. Como afirma o texto de Eclesiastes: “No dia da prosperidade goza do bem, mas no dia da adversidade considera; porque também Deus fez a este em oposição àquele...” (Ec 7,14).

Assim, o discípulo é chamado a confiar na vontade de Deus, mesmo quando não compreende plenamente seus caminhos, seguindo o exemplo de Abraão, que demonstrou fé e obediência diante da provação, e não questionou nada a Deus:

E aconteceu depois destas coisas, que provou Deus a Abraão, e disse-lhe: Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. E disse: Toma agora o teu filho, o teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi. Então se levantou Abraão pela manhã de madrugada, e albardou o seu jumento, e tomou consigo dois de seus moços e Isaque seu filho; e cortou lenha para o holocausto, e levantou-se, e foi ao lugar que Deus lhe dissera. (Bíblia, Gênesis 22,1-3, Online)

O discípulo de Cristo é chamado a submeter sua vontade à vontade de Deus, pois o propósito do Senhor é sempre bom, agradável e perfeito: “[...] qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Rm 12.2). Ao continuar essa petição, Jesus ensina que a vontade do Pai deve ser realizada “assim na terra como no céu” (Mt 6.10), revelando o desejo de que os discípulos vivam neste mundo em obediência semelhante à dos seres celestiais diante de Deus. Essa expressão aponta para a perfeita comunhão existente nos céus e traz esperança ao povo de Deus, que, mesmo

em meio às realidades deste mundo, é chamado a viver para a glória do Senhor, aguardando a plenitude da sua presença:

O que Jesus incita a orar é que a vida na terra se aproxime o mais possível da vida no céu, pois a expressão na terra como no céu parece aplicar-se igualmente à santidade do nome de Deus, à propagação do seu reino e à consumação da sua vontade (Stott, 2008, p. 115).

O discípulo de Cristo, como peregrino em direção à pátria celestial, é chamado a viver neste mundo como cidadão do Reino de Deus, refletindo desde já os valores da realidade futura que aguarda. Sua vida deve revelar essa nova identidade por meio de sua conduta, devoção e testemunho diário, como ensinou o apóstolo Paulo:

Mas nós somos cidadãos do céu e estamos esperando ansiosamente o nosso Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que virá de lá. Ele transformará o nosso corpo fraco e mortal e fará com que fique igual ao seu próprio corpo glorioso, usando para isso o mesmo poder que ele tem para dominar todas as coisas. (Bíblia, 3,20-21, Online)

O cidadão do Reino dos céus pode experimentar, ainda nesta vida, de maneira parcial, os reflexos da bondade e da glória de Deus, reveladas por meio da obra de Cristo em sua vida. Como afirmou Jesus: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai” (Jo 14,12). Assim, o discípulo é chamado a viver para a glória de Deus no presente, anunciando e refletindo o seu Reino, enquanto aguarda com esperança o dia glorioso em que desfrutará da comunhão plena com o Senhor nos novos céus e nova terra.

CONEXÃO PESSOAL

Tenho realmente desejado que a vontade de Deus seja feita em minha vida, ou ainda busco que Deus realize principalmente a minha própria vontade? Estou disposto a obedecer à Sua Palavra, renunciar aos meus desejos e confiar em sua providência, mesmo quando não compreendo os seus caminhos? Ao orar “Seja feita a tua vontade”, minha vida tem demonstrado uma verdadeira rendição ao senhorio de Cristo?

“A verdadeira liberdade começa quando nossa vontade se rende à vontade de Deus.”

3.3 ORAÇÃO E AMOR AO PRÓXIMO: VIVENDO O PAI-NOSSO COMO DISCÍPULOS E FILHOS

O relacionamento dos discípulos de Cristo com o próximo é contemplado nas três últimas petições da oração dominical. Nelas, Jesus demonstra que a vida de comunhão e amor fraternal deve fluir a partir da correta adoração e submissão ao Pai. Assim, o amor ao próximo não está separado da devoção a Deus, mas nasce de um coração que reconhece, honra e busca a vontade do Senhor.

As petições apresentadas na oração do Pai Nosso revelam que, após exaltar o nome, o Reino e a vontade de Deus nas três primeiras petições, Jesus conduz seus discípulos a compreenderem que o amor recebido do Pai deve ser refletido no relacionamento com o próximo. A verdadeira adoração a Deus produz uma vida marcada pelo amor prático, cumprindo o segundo grande mandamento da Nova Aliança: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Como afirma Jerry Bridges (2010, p. 51): “Não podemos amar verdadeiramente a Deus sem amar uns aos outros. Reconhecer que existe alguém que não amo é dizer a Deus: ‘Não te amo bastante para amar aquela pessoa’”.

As três últimas petições da oração dominical — “O pão nosso de cada dia nos dá hoje” (Mt 6.11), “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6.12) e “Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal” (Mt 6.13) — apresentam uma sequência marcada pelos pronomes “nosso”, “nossas” e “nos”. Essa expressão revela o caráter coletivo da oração, ensinando que as necessidades dos discípulos de Cristo não devem ser vistas de forma individualista, mas em comunhão com o povo de Deus, abrangendo as dimensões espiritual e prática da vida cristã.

Os discípulos de Cristo são chamados a demonstrar, na prática, o amor a Deus por meio do amor ao próximo. Essa realidade é expressa na quarta petição da oração dominical: “O pão nosso [...]” (Mt 6.11). Nela, Jesus ensina seus discípulos a dependerem de Deus para o sustento diário, contemplando não apenas as necessidades físicas e materiais, mas também a responsabilidade de agir como instrumentos do cuidado divino, oferecendo auxílio e suprimento às necessidades daqueles que estão ao seu redor.

Na quinta petição, “Perdoa-nos [...]” (Mt 6.12), Jesus ensina seus discípulos a reconhecerem sua constante necessidade da graça e do perdão de Deus. Essa petição revela que, mesmo aqueles que foram alcançados por Cristo, ainda lutam contra o pecado e necessitam diariamente da restauração da comunhão com Deus e com o próximo. Assim como receberam o perdão de Cristo, os discípulos são chamados a expressar esse mesmo perdão em seus relacionamentos, vivendo de maneira coerente com a nova vida recebida pela graça.

Na última petição, “livra-nos [...]” (Mt 6.13), Jesus ensina seus discípulos a reconhecerem sua total dependência da proteção de Deus. Essa oração expressa o desejo de preservação espiritual e moral diante das realidades deste mundo, incluindo as tentações, o pecado e a oposição espiritual que enfrentam em sua caminhada. Nessa petição estão contempladas as principais forças que se opõem aos cidadãos do Reino de Deus: a carne, relacionada à natureza humana caída e inclinada ao pecado; o mundo, que permanece sob a influência do maligno; e Satanás, o adversário espiritual, como afirma Pedro: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1Pe 5.8). Assim, Cristo chama seus discípulos a viverem com vigilância, dependência e santidade, buscando honrar o seu nome em todas as áreas da vida.

As três últimas petições da oração do Pai Nosso, que apresentam as necessidades dos discípulos de Cristo, só podem ser compreendidas corretamente quando estão fundamentadas nas primeiras petições, nas quais Jesus ensina a colocar Deus no centro da oração, em reverência, adoração e exaltação. Assim, a dependência de Deus, o perdão e a proteção divina conduzem a uma consequência natural ao discípulo a uma vida de amor e serviço ao próximo.

CONEXÃO PESSOAL

Minha comunhão com Deus tem se manifestado no amor, no perdão e no cuidado com o próximo? Ao pedir pelo “pão nosso”, pelo perdão e pela proteção, tenho reconhecido que não vivo a fé de forma individualista, mas como parte do povo de Deus? Minha adoração ao Pai tem produzido em mim uma vida de amor e serviço ao próximo?

3.3.1 O Pão Nosso de Cada Dia: Dependência que Gera Gratidão: Dependência que Gera Gratidão

A quarta petição da oração dominical: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6,11), inicia uma nova sequência de ensinamentos de Jesus aos seus discípulos. Após apresentar nas três primeiras petições a prioridade da glória de Deus, seu nome, seu Reino e sua vontade, Jesus direciona o olhar para as necessidades dos seus seguidores. Entretanto, essa segunda parte da oração permanece fundamentada na adoração ao Pai, revelando que a verdadeira relação do discípulo com Deus começa pelo reconhecimento de sua soberania e glória acima de todas as coisas. Como demonstram os pronomes utilizados anteriormente, “teu” e “tua”, toda a oração está centrada em Deus e em sua vontade.

A compreensão dos discípulos de Cristo acerca da reverência e da adoração devidas ao Pai influencia diretamente as petições seguintes da oração dominical. Após as três primeiras petições, centradas na glória, no Reino e na vontade de Deus, Jesus conduz seus discípulos a apresentarem suas necessidades pessoais e comunitárias diante do Pai. Essa transição revela que o Deus santo e soberano também é o Pai amoroso que cuida de seus filhos, como afirma Stott (2008): “Deus é ‘nosso Pai que está nos céus’, e que nos ama com amor de Pai. Ele cuida do bem-estar total de seus filhos e deseja que lhe apresentemos as nossas necessidades de alimento, perdão e de livramento do mal, confiando nele” (p. 152).

A quarta petição da oração ensinada por Jesus está centrada no termo “nosso”, e não no “eu”, revelando uma oração marcada pela comunhão e não pelo individualismo. Diferentemente da postura egoísta dos fariseus, que buscavam uma espiritualidade voltada para si mesmos, Cristo ensina seus discípulos a reconhecerem que pertencem a um povo e dependem do mesmo Pai celestial. O fluxo da oração confirma essa realidade: “Pai nosso”, “pão nosso”, demonstrando que Deus é o Pai de todo o corpo de Cristo e o provedor das necessidades de seu povo. Como afirma Carson (2011): “Do começo ao fim da oração, a referência é no plural: [...]. Em outras palavras, esse é o exemplo de oração a ser feita em comunhão com outros discípulos (cf. 18.19), e não sozinho (cf. Jo 20.17)” (p. 208).

O fundamento apresentado por Jesus nessa petição está relacionado ao amor e ao cuidado que seus discípulos devem demonstrar pelo próximo. A expressão “o

pão nosso” revela uma dependência coletiva de Deus e conduz à prática do amor, resumido no mandamento da Nova Aliança: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22.39). Assim, a oração pelo sustento diário também envolve a responsabilidade de cuidar uns dos outros, expressando de forma prática o amor recebido de Deus.

A petição “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” considera as necessidades do corpo humano e reconhece a vida física como uma dádiva proveniente de Deus. Jesus ensina seus discípulos a dependerem do Pai para o sustento diário, compreendendo que todas as bênçãos recebidas devem ser administradas com gratidão e para a glória do Criador. Como afirma Packer (2009): “aceitar o corpo como parte da boa criação de Deus, agir como seu mordomo e administrador e apreciá-lo com gratidão. Assim honramos o Criador” (p. 65). Dessa forma, o pedido pelo pão diário revela tanto a dependência da providência divina quanto a responsabilidade do ser humano em cuidar das dádivas recebidas.

“Pão”, dieta básica do homem no passado e no presente, representa todas as necessidades da vida e os meios de supri-las. Assim, “pão” representa toda a comida. Então, a oração é pelos fazendeiros e contra a fome. Além disso, a oração inclui a roupa, a moradia e a saúde física. A oração incorpora uma intercessão por serviços sociais e médicos. E, ainda mais, a oração inclui dinheiro e a capacidade para ganhá-lo, e se torna um grito contra a pobreza, o desemprego e as políticas nacionais que produzem e promovem esses desajustes sociais. (Packer, 2009, p. 65-66)

A Palavra Viva

Ao longo da minha caminhada cristã, experimentei, de maneira muito pessoal, a fidelidade de Deus ao responder às orações segundo a Sua perfeita vontade. Durante anos, convivi com a epilepsia, enfrentando crises frequentes que causavam grande sofrimento não apenas a mim, mas também aos meus pais e à minha irmã, que acompanhavam de perto cada momento de angústia. Em algumas crises, meus movimentos e minha fala eram comprometidos e, especialmente ao despertar, eu permanecia temporariamente sem reação.

Em meio a essa realidade, o Senhor ensinou-me a viver a petição: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”. Aprendi que depender de Deus vai muito além das necessidades materiais; significa confiar nele em cada circunstância da vida, reconhecendo que todo sustento, físico, emocional e espiritual procede de Suas mãos.

Enquanto eu orava, minha família e irmãos em Cristo também perseveravam em intercessão por mim.

Segundo a soberana vontade de Deus, após o acompanhamento médico e a realização de exames específicos, foi constatado que os hemisférios do meu cérebro estavam restaurados, tornando desnecessário o uso contínuo das medicações. Desde então, permaneço profundamente grato ao Senhor por sua misericórdia e cuidado.

Essa experiência fortaleceu minha convicção de que o Pai continua sustentando os seus filhos em todas as circunstâncias. Ao viver essa petição do Pai-Nosso, compreendi que a verdadeira dependência não consiste apenas em esperar pelas dádivas de Deus, mas em descansar diariamente em Sua providência, confiando que tudo o que ele concede, inclusive a saúde, procede de Sua graça e serve para a glória do seu nome.

A quarta petição da oração dominical convoca os discípulos de Cristo a apresentarem coletivamente suas necessidades ao Pai celestial, reconhecendo que Ele cuida de seus filhos e se agrada em ouvir suas súplicas. Essa petição revela que Deus é digno de plena confiança, pois toda provisão e sustento procedem de sua bondade e providência. Portanto, o discípulo é chamado a depositar sua confiança não nas circunstâncias, mas no Deus-Pai que governa e sustenta todas as coisas.

A Oração Vivida

A gratidão é a linguagem de quem reconhece que tudo procede das mãos do Pai. O coração dependente transforma provisões comuns em motivos de adoração.

O pedido expresso na petição “dá-nos hoje” não deve ser compreendido como uma espera passiva pelas provisões de Deus, mas como uma expressão de dependência e confiança no Pai celestial. Essa confiança não isenta o discípulo da responsabilidade do trabalho, que é um meio estabelecido por Deus para o sustento pessoal e familiar, nem da prática do amor cristão no cuidado com aqueles que passam por necessidades. Assim, a providência divina atua também por meio da responsabilidade e serviço dos seus filhos, como afirma Stott (2008): “O ‘de’ não impede ninguém de ganhar a sua própria vida, que os agricultores tenham de arar, semear e colher a fim de fornecer os cereais básicos, nem nos isenta da ordem de nós mesmos alimentarmos os famintos” (p. 153).

A Oração Vivida

Deus supre nossas necessidades para que também sejamos instrumentos da sua provisão na vida de outras pessoas.

Os discípulos de Cristo são conduzidos, por meio da petição “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6,11), a reconhecerem que Deus é o verdadeiro provedor e sustentador de suas vidas. Essa oração ensina uma dependência diária do Pai celestial, lembrando que todo sustento e toda provisão procedem da sua bondade e providência. Assim como os israelitas dependiam diariamente do maná concedido por Deus no deserto, os discípulos são chamados a confiar continuamente no cuidado do Senhor.

A vida cristã é marcada por uma constante dependência de Deus, vivendo cada dia sob o cuidado e a providência do Pai. Como afirma Packer (2009, p. 61): “A maneira cristã de viver é esta, em constante dependência de Deus, um dia de cada vez.” Assim, fica evidente que o discípulo de Cristo necessita do cuidado paternal de Deus em todas as áreas da vida, inclusive em suas necessidades físicas e materiais. A petição pelo pão diário conduz o cristão a reconhecer sua dependência contínua do Senhor e, como resposta à sua graça e provisão, render louvor e glória ao Pai celestial.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”, algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: Tenho confiado na providência do Pai ou na segurança dos meus próprios recursos? Tenho reconhecido, com gratidão, que tudo o que possuo procede das mãos de Deus? Ao pedir o “pão nosso”, tenho demonstrado amor e cuidado pelos que enfrentam necessidades? Tenho administrado as dádivas recebidas como um mordomo fiel, para a glória de Deus? Essas perguntas nos conduzem a examinar se nossa dependência do Pai tem produzido uma vida de confiança, gratidão e amor ao próximo, como convém aos discípulos de Cristo.

“A dependência diária é uma das maiores evidências da maturidade espiritual.”

3.3.2 "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores": A Oração que Cura a Alma

A quinta petição da oração do Pai Nosso, "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores" (Mt 6.12), revela a íntima relação dos filhos de Deus, adotados em Cristo, com o Pai celestial. Por meio da obra redentora de Cristo na cruz, os discípulos foram reconciliados com Deus e receberam o privilégio de se aproximarem dele como "Pai nosso". Entretanto, Jesus também ensina que seus filhos continuam necessitando diariamente da graça e do perdão divino, pois, embora justificados e libertos do domínio do pecado, ainda convivem com a presença do pecado em sua caminhada cristã.

A oração do Pai nosso é a oração da família, na qual os filhos adotivos de Deus se dirigem ao Pai e, embora suas falhas diárias não anulem sua justificação, as coisas não estarão certas entre eles e o Pai até que digam: "perdão" e peçam para desconsiderar os erros cometidos. (Packer, 2009, p. 70)

Os discípulos de Cristo, ainda vivendo nesta natureza humana, marcada pelos efeitos da queda, permanecem sujeitos às fraquezas, às falhas e aos pecados, mesmo tendo sido justificados pela graça de Deus. Essas imperfeições revelam a constante necessidade do perdão e da restauração oferecidos pelo Senhor. Como declarou o profeta Isaías: "Ai desta nação pecaminosa [...]" (Is 1.4). Conforme destaca o comentário bíblico, o termo "pecaminosa" está relacionado à ideia de "errar o alvo", demonstrando que Israel havia se afastado do propósito estabelecido por Deus. Da mesma forma, o pecado continua representando, para o discípulo de Cristo, uma afronta à autoridade divina, uma desobediência à sua vontade perfeita e uma transgressão da lei do Senhor.

A Oração vivida

Quem contempla diariamente a grandeza do perdão recebido em Cristo encontra cada vez menos espaço para alimentar a amargura.

Assim, o discípulo de Cristo continua necessitando diariamente da graça perdoadora de Deus diante dos pecados cometidos em sua caminhada. O apóstolo João, ao escrever ao povo de Cristo, ensina a importância da confissão dos pecados:

“Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça” (1Jo 1.9). Essa verdade revela que, quando o discípulo reconhece seus pecados e se volta ao Senhor em arrependimento, encontra perdão e restauração, não por seus próprios méritos, mas pela fidelidade, graça e misericórdia de Deus.

A petição apresentada por Jesus é direcionada aos cristãos de todas as épocas, pois revela a necessidade contínua de reconhecer a dependência da graça perdoadora de Deus. Como afirma Packer (2009), essa petição não se refere a uma necessidade de Jesus, o Filho perfeito de Deus, pois Ele não possuía pecado: “O pedido de perdão não se refere a si próprio, pois ele mesmo não tinha pecado (Jo 8.46), mas o pedido de perdão está ali por nossa causa” (p. 69). Assim, o discípulo é conduzido a viver em santidade diante do Pai, buscando honrá-lo em suas atitudes, pensamentos e condutas, mantendo a mesma perspectiva da primeira petição: “Santificado seja o teu nome” (Mt 6.9).

Dessa forma, os discípulos de Cristo são chamados a viver uma vida perseverante e coerente com os valores estabelecidos por Jesus, refletindo sua vontade em todas as áreas da existência. Como afirma Packer (2009), “um amor zeloso por Deus e pelos homens, o dia todo e todos os dias, segundo o próprio padrão de Jesus — e nosso pecado é basicamente falhar com esse padrão” (p. 70). Assim, a petição pelo perdão revela tanto a necessidade de restauração da comunhão com Deus quanto o compromisso dos discípulos em seus relacionamentos com o próximo. O pedido coletivo de perdão pelas “dívidas” refere-se aos pecados cometidos diante de Deus, pois, como explica Stott (2008), “o pecado é comparado a uma ‘dívida’, porque merece o castigo” (p. 154).

A petição pelo perdão revela o caráter espiritual que Deus requer de seus filhos diante dele, pois o Senhor é santo e rejeita o pecado. As Escrituras demonstram que Deus não tem prazer na iniquidade: “Porque tu não és um Deus que tenha prazer na iniquidade, nem contigo habitará o mal” (Sl 5.4); e também afirmam sua absoluta pureza: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a opressão não podes contemplar” (Hc 1.13). Dessa forma, Jesus ensina seus discípulos a reconhecerem tanto os pecados cometidos contra Deus quanto aqueles praticados contra o próximo, ao orar: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6.12).

A Oração Vivida

O perdão não diminui a gravidade da ofensa; revela a grandeza da graça recebida na cruz.

Essa petição conduz o cristão a uma atitude de humildade e autoexame diante do Deus santo, reconhecendo que somente nele há perdão e restauração, como declarou o salmista: “Tem misericórdia de mim, ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias” (Sl 51.1).

Uma das prioridades ensinadas por Cristo nessa petição é o desenvolvimento de um coração perdoador nos seus discípulos: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores” (Mt 6.12). Jesus demonstra que a prática do perdão ao próximo é evidência da obra da graça realizada por Cristo na cruz, pela qual seu povo foi justificado. Contudo, esse ensino não significa que o perdão de Deus seja condicionado ao perdão humano, como se o discípulo conquistasse a misericórdia divina por suas próprias ações. Antes, o perdão oferecido ao próximo é fruto do perdão já recebido em Cristo e uma expressão necessária da nova vida concedida por Deus.

Assim, o discípulo é chamado a perdoar de maneira sincera e constante, reconhecendo que nenhuma ofensa humana se compara à grande dívida que Cristo removeu por meio de sua obra redentora.

O perdão deve ser posto em prática como uma necessidade obrigatória e não opcional a prática do perdão ao seu ofensor, e que nada que o semelhante fizer, será comparado como “um grão de mostarda”, Lloyd (1984) afirma que o discípulo de Cristo deve seguir as prescrições da oração imposta na bíblia e orar da seguinte forma:

Perdoa-me, ó Deus, assim como tenho perdoado a outros, por causa daquilo que Tens feito por mim. Tudo quanto Te peço é que me perdoes da mesma maneira; não com o mesmo grau, porquanto tudo quanto eu faço é imperfeito. Por assim dizer, da mesma maneira que me Tens perdoado, eu tenho perdoado a outros. Perdoa-me como eu os tenho perdoado, por causa daquilo que a cruz de Jesus Cristo tem realizado em meu coração (Lloyd, 1984, p. 361).

Nada se compara à grandeza da obra realizada por Cristo em favor de seus discípulos, pois ele assumiu sobre si a culpa e o castigo que pertenciam ao pecador, concedendo perdão e reconciliação com Deus. Como afirma Stott (2008): “Quando nossos olhos estão abertos para vermos a enormidade de nossa ofensa cometida

contra Deus, as injúrias dos outros contra nós parecem, comparativamente, muitíssimo insignificantes” (p. 154). Essa verdade é claramente apresentada por Jesus na parábola do credor incompassivo, na qual o Senhor demonstra a grandeza da misericórdia recebida e a responsabilidade daqueles que foram perdoados em também demonstrarem misericórdia ao próximo:

Por isso o reino dos céus pode comparar-se a um certo rei que quis fazer contas com os seus servos; E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos; E, não tendo ele com que pagar, o seu senhor mandou que ele, e sua mulher e seus filhos fossem vendidos, com tudo quanto tinha, para que a dívida se lhe pagasse. Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Então o Senhor daquele servo, movido de íntima compaixão, soltou-o e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos, que lhe devia cem dinheiros, e, lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me deves. Então o seu companheiro, prostrando-se a seus pés, rogava-lhe, dizendo: Sê generoso para comigo, e tudo te pagarei. Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Vendo, pois, os seus conservos o que acontecia, contristaram-se muito, e foram declarar ao seu senhor tudo o que se passara. Então o seu senhor, chamando-o à sua presença, disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas. (Bíblia, Mateus 18,23-35, Online)

Fica evidente que o discípulo de Cristo não tem o direito de reter o perdão daqueles que o ofendem, pois ele mesmo foi alcançado pela graça perdoadora de Deus.

A recusa em perdoar revela uma postura contrária aos valores do Reino de Deus e não corresponde à nova vida concedida por Cristo. Assim, o perdão ao próximo não é uma opção secundária, mas uma expressão da transformação realizada pela graça divina no coração do discípulo.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: Tenho confessado sinceramente os meus pecados, reconhecendo minha constante necessidade da graça de Deus? Tenho cultivado um coração arrependido e sensível à santidade do Senhor? Tenho perdoado aqueles que me

ofenderam, lembrando-me do perdão infinitamente maior que recebi em Cristo? Há em meu coração alguma mágoa, ressentimento ou falta de perdão que contradiz o evangelho da graça? Essas perguntas nos conduzem a examinar se o perdão recebido em Cristo tem produzido uma vida marcada pelo arrependimento, pela humildade e por um coração disposto a perdoar, como convém aos discípulos de Cristo.

“A graça recebida sempre produz graça oferecida.”

3.3.3 Livra-nos do Mal: Vigiar Até o Fim

A sexta e última petição analisada neste livro, ensinada por Cristo na oração dominical, expressa: “E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal” (Mt 6.13). Essa petição apresenta a necessidade coletiva de proteção espiritual dos discípulos de Cristo, seguindo a sequência das necessidades já apresentadas anteriormente: o cuidado com a vida física, “o pão nosso”; a restauração da comunhão com Deus, “perdoa-nos as nossas dívidas”; e, agora, a súplica pelo auxílio e preservação divina diante das tentações e do mal.

Essa petição deve ser compreendida a partir de duas realidades: a vulnerabilidade do discípulo diante das tentações presentes na caminhada cristã e a necessidade de depender continuamente do Pai para permanecer firme diante do mal. Como afirma Packer (2009), “a vida é um campo minado espiritual; em meio a tantos perigos não podemos confiar em nós mesmos; Pai, preserva-nos” (p. 77).

A primeira parte da sexta petição ensinada por Jesus aos seus discípulos, “Não nos deixes cair em tentação” (Mt 6.13), revela a fragilidade humana e a necessidade constante da dependência de Deus. Essa oração reconhece que o discípulo, por si mesmo, não possui força suficiente para vencer todas as tentações que surgem em sua caminhada. Como parafraseia Stott (2008), o clamor do cristão diante de Deus é: “Não permitas que sejamos induzidos à tentação que possa nos derrotar, mas livra-nos do maligno”. Assim, o discípulo é conduzido a confiar não em sua própria capacidade, mas na graça sustentadora do Pai.

A Oração Vivida

O discípulo mais seguro não é aquele que confia em sua maturidade espiritual, mas aquele que diariamente reconhece sua dependência da graça preservadora de Deus.

Fica evidente, em primeiro lugar, que a vitória e a força para a preservação diante das tentações procedem do próprio Deus. É o Pai celestial quem sustenta o discípulo de Cristo em meio aos perigos espirituais enfrentados em sua caminhada. O termo “tentação” pode ser compreendido a partir de dois sentidos presentes nas Escrituras. O primeiro apresenta uma perspectiva positiva, derivada do termo grego “eirasmon,” que, conforme Schwertley, possui o significado de:

[...] significa uma prova, uma tribulação, um teste, um provar de algo ou mesmo uma experiência. A palavra poderia ser usada no contexto de testar a qualidade do ouro, ou a força de um arco. Assim, ela pode ter uma conotação positiva. A palavra (na LXX) é usada até mesmo para descrever o propósito de Deus. Em Gênesis 22:1, diz-se que Deus testou Abraão. Jeová testou ou provou a fé de Abraão, ao ordenar que ele sacrificasse Isaac, seu único filho. Da mesma forma, 2 Crônicas 32:31 diz que Deus testou Ezequias. Jeová queria saber se o rei estava cheio de orgulho ou não. (Schwertley, 2007, p. 01)

A Palavra de Deus ensina que o Senhor prova o seu povo para fortalecer a fé, promover o crescimento espiritual e cumprir seus propósitos soberanos. Entretanto, as Escrituras também deixam claro que Deus não induz ninguém ao pecado nem é o autor da tentação para o mal: “Ninguém, sendo tentado, diga: De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta” (Tg 1.13). Assim, é importante distinguir o segundo sentido da palavra “*peirosmon*”, empregado em um aspecto negativo, referindo-se à tentação que busca conduzir o ser humano ao pecado. Conforme Schwertley (2007), esse significado pode ser entendido como:

Significa tentação no sentido de uma sedução para cometer pecado. Denota um poder, argumento, operação ou sedução para com o pecar. “Tentação, então, em geral é qualquer coisa – estado, caminho ou condição – que sob certa circunstância, tem a força ou eficácia de seduzir, apartar a mente e o coração de um homem de sua obediência, que Deus requer dele, para qualquer pecado, em qualquer grau dele” (Schwertley, 2007, p. 01)

O segundo aspecto da tentação, em seu sentido negativo, pode ser compreendido a partir de três esferas: a carne, o mundo e o diabo. A carne representa a inclinação pecaminosa que ainda habita no ser humano e luta contra o espírito, como

ensina Tiago: “[...] cada um é tentado quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebida, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte” (Tg 1,14-15). O mundo, o “cosmo”, entendido como o sistema de valores contrário a Deus, é descrito pelo apóstolo João: “Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo” (1Jo 2,16). Por fim, a tentação também envolve a atuação de Satanás, o adversário do povo de Deus, sobre quem Pedro adverte: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar” (1Pe 5,8). Assim, a tentação, em seu aspecto negativo, manifesta-se nessas três esferas descritas pelas Escrituras:

Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência; Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também. (Bíblia, Efésios 2,2-3, Online)

Assim como o discípulo é chamado a submeter-se à vontade de Deus, também reconhece sua fragilidade e depende da graça do Pai para permanecer firme diante das tentações e vencer as investidas da carne, do mundo e do diabo.

A terceira petição da oração dominical, “Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mt 6.10), já analisada anteriormente, ensina aos discípulos que a vontade soberana de Deus sempre prevalece. Portanto, cabe ao discípulo de Cristo alinhar sua vida, seus desejos e suas orações à perfeita vontade do Pai.

Assim, ao orar “não nos deixes cair em tentação”, não é um ditado para Deus deixar de fazer o que lhe apraz no cumprimento de sua vontade soberana, - onde a vontade deles prevalece, para serem evitadas a tentação, e o mal, - mas traz uma petição de pedido e ensinamento para o discípulo de Cristo, como relatou o Dr. Martin, que “de acordo com a vontade de Deus não sejamos conduzidos a uma situação em que nos tornemos passíveis de ser tentados por Satanás.” (Lloyd, 1984, p. 361,362), pois até mesmo as provações benéficas que os discípulos de Cristo enfrentam, por conta da vontade soberana de Deus, são “coisas que por natureza não são más, o Diabo, com sua astúcia, torna em tentações quando são colocadas diante de nossos olhos para que nos afastemos de Deus e o abandonemos” (Calvino, 2006, p.130).

Está claro que até mesmo, as tribulações que o Senhor usa para benefício dos discípulos de Cristo, devem ser vistas por cada discípulo de Cristo com olhar de vigilância, ao saber que pela fragilidade e natureza pecaminosa do próprio discípulo de Cristo, ela pode ser conduzida a desviar dos alvos propostos por Cristo. Conforme (Packer, 2009, p. 78-79), “as pressões em tempo de provação podem se tornar tão terríveis que nenhum cristão em sã consciência pode fazer outra coisa senão evitá-las da mesma maneira que evitam pensar na possibilidade de um câncer”.

A Oração vivida

A perseverança não é fruto da força humana, mas da fidelidade daquele que prometeu guardar os seus até o fim.

Assim, quando Jesus se viu diante de uma provação, e expressou “[...] Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres.” (Mt 26,39), ou quando em seus últimos momentos, antes de sua crucificação, no Getsêmani, pode provar ferrenha luta para que a vontade do Pai fosse estabelecida, como enfatiza Packer (2009), através do exemplo da própria palavra de Deus.

Quando Jesus encontrou seus discípulos dormindo no Getsêmani, ele disse: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41). O que gerou essas palavras foi a luta pessoal que ele travava consigo mesmo, visto que sua própria carne resistia violentamente ao Calvário iminente, e ainda vendo os discípulos dormindo, que, embora cansados, haviam sido convocados para vigiar com ele - ficar acordado significava apoiá-lo com suas presenças e orações. Devemos reconhecer o teste de sinceridade e realidade ao dizer “não nos deixes cair em tentação” que é a disposição para “vigiar e orar”. Que não sejamos vítimas da tentação inconscientemente (Packer, 2009, p. 79-80)

Orar conforme a primeira parte da petição, “livra-nos de cair em tentação” é orar, em outras palavras, para que Deus livre a cada discípulo de Cristo dela mesmo: frágil, e suscetível ao erro e queda, exposta a situações perigosas, insolucionáveis a sua própria capacidade, reconhecendo o auxílio e capacidade, que provêm da parte de Deus, imputando ao discípulo de Cristo, a total dependência e confiança, indo a petição, muito mais além de uma simples petição, para concessão de uma dádiva da parte de Deus, porém remete a uma responsabilidade a preservação da saúde

espiritual e testemunha coletiva dela, impondo a necessidade de preservação da identidade de Cristo, como dita em (Fl 2,15).

Fugindo de tudo aquilo que pode causar o “mal” para o discípulo de Cristo e a sociedade, porém enfrentando o mal, com o bem, respaldado em Deus, (Ne 4,9), combater esse mal e vencê-la, tudo sob o cuidado e confiança de Cristo, onde está estabelecida uma promessa de socorro da parte de Deus no livramento desse mal, que segundo Packer (2009) que se trata:

Jesus nos instrui a pedir a Deus para “livrar-nos do mal”. Se essa frase grega significa “mal” em geral (como o texto da RA e RC) ou o “maligno” (como na Bíblia de Jerusalém), não importa, embora o segundo significado seja o mais provável. A primeira tradução significaria: livra-nos de todo o mal do mundo, que está em nós mesmos, em outras pessoas e em Satanás e suas hostes. A segunda tradução significaria: “livra-nos de Satanás, que procura nossa ruína e de tudo aquilo que ele emprega para alcançar tal fim - tudo que é contra Deus no mundo, toda a pecaminosidade de nossa carne e todo o mal espiritual de toda sorte”. Ambas traduções atingem o mesmo ponto. (Packer, 2009, p. 91).

O pedido de livramento do mal visa à prioridade do discípulo de Cristo frente a suas atitudes e posturas diante de Deus, do discípulo de Cristo e a sociedade, pois fora confiada ao cidadão do reino de Deus, viver de modo digno, fugindo da aparência do mal e dos escândalos, pois ao discípulo de Cristo está estabelecido a imagem do Cristo perfeito e Santo. O Satanás está incluso neste “mal”, presente da petição, porém esse “mal”, estende-se amplamente a uma variedade de fatores, como o mal presente no interior do homem ou no mundo, a Litania traz um resumo sucinto do que quer dizer “mas livra-nos do mal:

Do pecado, dos ardis e ataques do maligno... de toda cegueira de coração; do orgulho, vangloria e hipocrisia; inveja, ódio e malícia e toda falta de amor... da fornicção e todos os pecados mortais; e de todas as enganações do mundo, da carne e do diabo... da morte repentina (inesperada e da que não estamos preparados) [...] da dureza de coração e desconsideração de tua Palavra e mandamentos, bom Senhor, livra-nos. (Packer, 2009, p. 83)

A última petição trata de uma confiança ao auxílio divino, relatando ao mesmo tempo a incapacidade do homem, na solução daquilo que se passa.

No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que

possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. Estai, pois, firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça; E calçados os pés na preparação do evangelho da paz; Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus; Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos, (Bíblia Efésios 6,10-18, Online)

Além disso, essa petição leva o discípulo de Cristo ao desafio de enfrentar o mal, como tratado anteriormente, como preservação da comunhão do povo de Deus, quanto à conduta esboçada em Cristo, a não ceder à tentação, e o mal, que estão suscetíveis, tendo sempre como base de apoio às ferramentas deixadas pelo próprio Deus, para o bom combate na guerra espiritual que a discípulo de Cristo enfrenta.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: Tenho reconhecido minha fragilidade espiritual e dependido diariamente da graça do Senhor? Tenho vigiado e orado para não ceder às tentações da carne, do mundo e do diabo? Tenho fugido de tudo aquilo que enfraquece minha comunhão com Deus e compromete meu testemunho cristão? Tenho buscado diariamente revestir-me da armadura de Deus para permanecer firme até o fim? Essas perguntas conduzem a cada discípulo de Cristo a examinar se a sua confiança está em sua própria força ou no poder preservador de Deus, que sustenta e guarda seus discípulos em sua caminhada até o fim.

“A perseverança do discípulo repousa menos em sua força e mais na fidelidade de Deus que o guarda.”

4 A ORAÇÃO DO PAI-NOSSO: CAMINHO DE AVIVAMENTO PARA FILHOS E DISCÍPULOS DO SENHOR

Os instrumentos de busca para o avivamento dos discípulos de Cristo, dentre alguns existentes, apresentam a oração como meio de busca deste avivamento, que por intermédio dele, é viável o acontecimento do avivamento, e como enfatizado anteriormente no livro, que dentre tantas práticas piedosas, jejum, esmola e oração, o Senhor enaltece a prática da oração, como a mais elevada de todas as práticas, inclusive ensina aos seus discípulos o modelo autêntico de uma oração ser feita conforme a Sua vontade, conforme registrado em (Mt 6,9-13).

A oração do Pai Nosso reúne os princípios essenciais da verdadeira oração apresentada ao Pai, e que por princípios nelas contidos engloba tudo aquilo que é necessário para o acontecimento do avivamento, porque tudo o que está inserido na oração contempla de fato o caráter e a vontade soberana para atendimento do Pai, assim como o Senhor sintetiza ao povo Israelita:

E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face e se converter dos seus maus caminhos, então eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra. Agora estarão abertos os meus olhos e atentos os meus ouvidos à oração deste lugar. (Bíblia, 2 Crônicas 7,14-15, Online)

A oração que corresponde a fiel vontade do Senhor, assim ensinada por ele, será apresentada neste livro, em seus princípios, como instrumento para derramada do Espírito Santo sobre os discípulos de Cristo, meio para renovo espiritual, retorno às escrituras ao genuíno arrependimento, a uma renovação de aliança, a uma vivência de Santidade, tudo isso sendo vivenciado diante de Deus e diante da sociedade, mostrando com isso um pouco do que o avivamento é capaz de gerar no discípulo de Cristo de Cristo.

A oração do Pai Nosso é capaz de apresentar em toda a sua constituição ao fiel autêntico modo de vida em relação direta com Deus, preenchendo os requisitos necessários, para a sua invocação, a sua comunhão, a sua adoração, sendo exposta pelo próprio Jesus na introdução da oração, assim como nas três primeiras petições, é imposto por Ele também na oração o modelo autêntico da dependência divina, quanto ao amor fraternal e relação ao próximo, impondo prática e deveres, registrados da quarta à sexta petição, obedecendo a todos os princípios contidos na oração é

possível o discípulo de Cristo ter a firme esperança que pelo poder do Altíssimo e em cumprimento a todas as responsabilidades como Cristãos, gozar da bênção do avivamento, porém o grande historiador e teólogo pontua, que os discípulos de Cristo ainda não provaram de fato do renovo espiritual de Cristo, do avivamento como citou na introdução de seu livro:

Ainda não aconteceu por aqui um avivamento como os já ocorridos nas igrejas alemães, suíça, holandesa, escocesa, galesa, americana, sul coreana, sul-africana e de outros países. De fato, temos conhecimento de testemunhos animadores em nosso país a respeito da ação de Deus em igrejas locais; contudo, ainda que nos alegremos com diversas ações do Espírito Santo em nosso meio, somos lembrados de que algo está faltando à igreja evangélica em nossa geração. Em um momento importante da história do Brasil e da América Latina, somos chamados a suplicar que Deus renove sua aliança conosco e nos visite com o poder de seu santo Espírito. (Ferreira, 2015, p. 13)

Antes de conceituarmos, ainda que brevemente, o significado de avivamento, convém apresentar o papel do Espírito Santo nesta obra. É Ele quem opera o verdadeiro avivamento no povo de Deus, especialmente à luz do Novo Testamento, contexto em que Cristo ensina a oração do Pai Nosso.

A palavra de Deus traz o ensinamento que o Espírito Santo, procede de Deus-Pai “Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome [...]” (Jo 14,26), como também procede de Deus, o Filho encarnado, “Todavia digo-vos a verdade, que vos convém que eu vá; porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, quando eu for, vo-lo enviarei.” (Jo 16,7), ficando claro que em sua essência, o Espírito Santo é um ser uno e divino, “Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.” (Jo 16,13).

O autor compartilha em seu livro, “O Espírito carrega os nomes da única divindade.” (Ferreira, 2015, p. 18), e além de ser uno e divino, trabalha em conjunto com as três pessoas da Santíssima Trindade como afirma:

O Espírito Santo, que criou céus e terra junto com o Pai e o Filho, que preserva verdade, beleza e integridade na criação, mesmo estando ela escravizada pelo pecado, esse mesmo Espírito congrega a igreja, justifica, santifica e regenera os crentes, prepara-os para a ressurreição do corpo e para a glória eterna, dá-lhes o anseio pela volta de Cristo e ainda prepara essa vinda gloriosa. Sim, toda a vida é vida no Espírito. (Ferreira, 2015, p. 34)

Compreendendo que o Espírito Santo é Deus e compartilha da mesma essência divina, podemos enfatizar que ele é ser pessoal, com qualidades pessoais vista na própria palavra de Deus, indo mais adiante, é um ser que se relaciona com o Pai e Filho, assim como se relaciona com o discípulo de Cristo.

Feitas essas considerações sobre o Espírito Santo, é importante destacar sua atuação na economia da salvação. Sem qualquer inferioridade quanto à sua divindade, o Espírito exerce, de forma voluntária e funcional, o ministério que lhe foi designado pelo Pai e pelo Filho. Como resume Ferreira (2015): “o Filho entregou voluntariamente sua vontade ao Pai e buscava a glória dele; o Espírito estava sobre o Filho na sua encarnação e depois foi enviado ao discípulo de Cristo pelo Pai e pelo Filho” (p. 31).

O Espírito Santo é poderoso para operar na vida de todos os discípulos de Cristo, conforme os propósitos soberanos de Deus. A oração ensinada por Jesus apresenta princípios que conduzem os discípulos à dependência de Deus e à busca por uma vida transformada pelo Espírito Santo, sendo ele o agente divino que realiza a verdadeira renovação espiritual. Como declara o profeta Zacarias: “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4.6). Nesse sentido, Franklin sintetiza o conceito de avivamento como:

“Em uma definição simples, podemos afirmar que avivamento é Deus reanimando seu povo, renovando a aliança que estabeleceu com ele, tratando-o de forma familiar. Avivamento é a percepção e a experiência — mais do que a crença — de que Deus está presente em nosso meio e, por isso, algo diferente acontece entre nós.” (Ferreira, 2015, p. 42).

Um exemplo real de um avivamento que o discípulo de Cristo provou, sendo por sinal considerado como o maior avivamento de toda história já acontecido até o presente momento, que de fato foi uma busca do seu povo, a partir de um elemento fundamental que já foi comentado aqui, a oração, em que todo o discípulo de Cristo estava esticando os músculos da oração, cerca de dez dias de modo ininterrupto, clamando pelo renovo e descida do Espírito Santo, prometido pelo Filho de Deus, e Deus responde ao seu povo tratando-os de forma familiar:

Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e sereis testemunhas, tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria, e até aos confins da terra. E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois

homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir. Então voltaram para Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, o qual está perto de Jerusalém, à distância do caminho de um sábado. E, entrando, subiram ao cenáculo, onde habitavam Pedro e Tiago, João e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, irmão de Tiago. Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria mãe de Jesus, e com seus irmãos. E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concordemente no mesmo lugar; E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (Bíblia, Atos 1,8-14; 2,1-4, Online).

O evento que acontece a descida do Espírito Santo, registrado no livro de atos, mostra que Deus derramou do seu Espírito, e toda a comunidade cristã ali presente recebe de maneira clara o seu poder, sua glória e Sua graça, deixando todos cheios do Espírito de Deus, trazendo às claras, que quem derramou do seu Espírito sobre o discípulo de Cristo foi Ele, como dito na introdução da oração dominical: o “Pai Nosso”.

Embora, o acontecimento de Atos represente o evento histórico e inaugural do derramamento do Espírito Santo sobre a Igreja, permanece aos discípulos de Cristo a responsabilidade de buscarem continuamente a Deus em oração, humilhação e dependência espiritual, rogando por renovação espiritual, despertamento para uma vida de santidade e capacitação do Espírito Santo para o cumprimento da vontade de Deus em suas vidas e na comunidade cristã.

Dessa forma, compreende-se que o verdadeiro avivamento não é produzido por esforços meramente humanos, mas consiste em uma obra soberana e livre do Espírito Santo; ainda assim, Deus ordena que seus discípulos perseverem na oração, na piedade e na busca sincera por Sua face, como meios de graça estabelecidos para a edificação espiritual da Igreja, conforme defende Ferreira (2015) acerca do avivamento buscado por meio da oração:

Avivamento é um poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo sobre a igreja local, em resposta às orações dos cristãos, no qual essa igreja é completamente transformada, passando por uma reforma doutrinária e de santificação que resulta em muitas conversões simultâneas e na transformação radical da cultura ao redor por meio das missões, da educação e das reformas sociais. (Ferreira, 2015, p. 54)

Algumas requisições são necessárias para o derramamento do Espírito Santo no povo do Senhor, e será exposto a partir de alguns princípios estabelecidos por Ele, a partir de sua oração, onde todo o corpo de cristão deve buscar, pois a oração do Pai Nosso segue em fluxo coletivo ao corpo de Cristo, “Pai Nosso”, “O pão nosso”, “Perdoa-nos”, “deixe-nos [...]”, e como também conceitua o autor já citado:

[...] poderoso e soberano derramamento do Espírito Santo ocorre sobre a igreja local, o que inclui igrejas de determinadas localidades ou mesmo igrejas presentes em todo um estado ou país. Em sentido estrito, o avivamento não é uma ação do Espírito Santo no indivíduo. Nem mesmo a expressão “enchei-vos do Espírito” (Ef 5.18) fala do indivíduo, mas é uma ordem para que toda a comunidade busque refrigério no Espírito. Portanto, avivamento é o Espírito Santo vindo com poder sobre irmãos e irmãs, ou seja, sobre todo um grupo da igreja reunido para cultuar, servir e louvar ao Deus trino. (Ferreira, 2015, p. 45-46).

CONEXÃO PESSOAL

Diante da oração ensinada por Jesus como caminho para o verdadeiro avivamento, algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: Tenho buscado ao Senhor com perseverança, humildade e dependência em oração? Tenho permitido que os princípios do Pai Nosso transformem minha vida, minha comunhão com Deus e meu relacionamento com o próximo? Tenho compreendido que o verdadeiro avivamento é uma obra soberana do Espírito Santo, e não o resultado de esforços humanos? Minha vida evidencia um crescente compromisso com a santidade, a Palavra de Deus e a glória de Cristo? Essas perguntas conduzem os discípulos de Cristo a examinarem-se sem têm buscado o verdadeiro avivamento segundo as Escrituras, vivendo em constante dependência do Pai e da poderosa atuação do Espírito Santo, para a glória de Deus e a edificação de sua Igreja.

4.1 PAI NOSSO – FUNDAMENTO DO AVIVAMENTO

“Pai Nosso”: A necessidade do discípulo de Cristo em busca de um avivamento está fincado, a priori, nas palavras introdutórias da oração, “Pai Nosso”, fundamentada em Deus, debaixo da sua aliança pactual estabelecida com seu povo, e por meio desse pacto, o seu povo tem a liberdade de invocá-lo pelo nome, estabelecido aqui por esse primeiro fundamento para um possível derramamento do seu espírito, procede dele, e por isso, Ele deve ser tido como prioridade em tudo e sobre tudo, tal

como uma vivência de uma santa comunhão e obediência criteriosa com o Pai, tanto em oração, quanto ao viver prático, bem como a exigência de um profundo conhecimento desse Pai, pois pela adoção.

Os cristãos devem carregar consigo o nome desse Pai. Dessa forma, devem levar a uma vida de inteira dependência e entrega, pois é dele, que procede toda a boa dádiva, todos os dons perfeitos, e assim como operou com o seu povo na Antiga Aliança, como também na Nova Aliança, o Pai tem todo poder para operar com eficácia sob o derramamento do seu Espírito sob a discípulo de Cristo, pois ele conhece profundamente as necessidades dos seus filhos, inclusive quanto às necessidades dos seus discípulos, que clamam por algo que é próprio dele, do derramar seu espírito, e é poderoso para operar de forma extraordinária um poderoso avivamento de sorte que o seu nome, seja entronizado na vida dos cristãos, o Pai é uma prova viva que de fato o discípulo de Cristo pode provar de sua tremenda graça do avivamento.

CONEXÃO PESSOAL

Diante do fundamento "Pai Nosso", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho vivido como um verdadeiro filho de Deus? Tenho dependido do Pai ou de mim mesmo? Tenho buscado conhecê-lo por meio da Palavra e da oração? Tenho colocado a glória do Pai acima dos meus interesses? Essas perguntas conduzem os discípulos de Cristo a examinarem-se o coração está firmado no Pai, de quem procede todo verdadeiro avivamento.

4.2 NOS CÉUS – REVERÊNCIA E SOBERANIA

“Nos céus”: O avivamento para ser derramado no discípulo de Cristo, contempla também a priorização do respeito e temor diante ao Pai, que é ilimitado, que está acima de tudo e todos, é poderoso pela sua soberania de operar com graça e misericórdia a todos os quantos a ele clamam, para todos àqueles que vivem de modo irrepreensível aos mandamentos desse Pai, atendendo as expectativas dos seus filhos em uma fiel adoração a ele, e que ao mesmo tempo em que esse Pai é próximo, é distante, como expresso pelas palavras “céus” da oração, habita em luz

inacessível, sendo limitado a ele mesmo, porém contempla de modo imanente às necessidades dos filhos aqui na terra, retificando que de fato o discípulo de Cristo deve manter enraizada em seu modo de viver, e forma de comunicação de oração ao Pai, que é soberano e transcendente, para operar a qualquer momento que quiser operar.

Dessa forma, cabe ao discípulo de Cristo se preparar em reconhecimento de adoração a esse Deus, tendo acima de tudo, dedicação de prioridade exclusiva a ele quanto a forma de viver e a maneira de escala de prioridade, fazendo isso, sim, será cumprido mais uma recomendação para realização, conforme o Espírito de Deus para que haja o avivamento.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da expressão "Nos céus", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho me aproximado de Deus com reverência e temor? Tenho reconhecido sua soberania sobre todas as áreas da minha vida? Minha adoração reflete a grandeza e a santidade do Pai? Tenho esperado com confiança pela sua perfeita vontade? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se seu coração reconhece a majestade, a soberania e a santidade de Deus, fundamentos indispensáveis para um verdadeiro avivamento.

4.3 SANTIFICADO SEJA O TEU NOME – VIDA DE SANTIDADE

“Santificado seja o teu nome”: A primeira petição imposta por Cristo na oração do Pai Nosso, como modelo correto de adoração direta com o Pai, chama o discípulo de Cristo de Cristo a tratá-lo como Ele é, exigindo do Seu povo uma veneração e um modo de vida em comum acordo com o caráter Santo de Deus, seja por pensamentos, condutas, ou qualquer ação prática, deixando claro que esse fundamento necessário para busca de avivamento do discípulo de Cristo, precisa-se de fato da priorização do engrandecimento diante de Deus a tudo, pois a essência, o caráter, a natureza e os atributos de Deus, refletem a Sua essência Santa, pura e justa, exigindo uma santificação contínua daqueles que foram por Ele santificados, para serem

testemunhas fiéis de Cristo em meio ao mundo corrompido, santificando-os na verdade de Deus.

A santificação do nome de Deus não se limita ao culto ou à devoção pessoal. Ela se manifesta também quando a Igreja proclama o evangelho, para que pessoas de todas as nações conheçam, honrem e glorifiquem o Senhor. Toda oração que deseja a santificação do nome de Deus também alimenta o anseio de que Sua glória seja conhecida entre todos os povos.

Verdade essa, que é a palavra de Deus aborrecendo de tudo aquilo que é desagradável diante do Pai, e em perfeita harmonia aos mandamentos de Cristo, para que o nome dele seja tido como Santo, diante do povo do Senhor e sociedade, pois, isso sim é viver de acordo com os padrões estabelecidos por Cristo, para um possível derramamento do Seu espírito.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Santificado seja o teu nome", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho vivido de modo santo diante do Senhor? Minhas palavras, atitudes e pensamentos glorificam o nome de Deus? Tenho rejeitado o pecado e buscado obedecer à sua Palavra? Minha vida tem refletido o caráter de Cristo diante da sociedade? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se sua vida tem santificado o nome de Deus, evidenciando uma caminhada de santidade, indispensável para um verdadeiro avivamento.

4.4 VENHA O TEU REINO – SUBMISSÃO E PROPÓSITO

“Venha o teu reino”: A segunda petição da oração do Pai Nosso traz uma ideia por meio dela, de que os discípulos de Cristo são chamados por Deus para viver como súditos autênticos do Seu reino, em comum acordo com os propósitos do Reino.

Esse princípio estabelecido nessa petição é um instrumento de busca do avivamento, que estabelece em si como prioridade o total controle de quem é governado por ele, e todos os valores concernentes a esse reino, vivendo para agradá-lo em tudo, manifestando em tudo o reino do Pai, dessa forma, são convocados para desenvolverem um relacionamento salutar com Deus, cumprindo

também com a progressão do Seu reino aqui na terra, sendo anunciadores da mensagem do reino a toda criatura, clamando ao Rei para que Ele encha os corações de Sua presença.

Ao orarmos "Venha o teu Reino", não apenas aguardamos a consumação do Reino de Deus, mas também nos dispomos a participar da expansão desse Reino por meio da proclamação do evangelho, do discipulado e do testemunho cristão. Deus continua estabelecendo Seu Reino mediante a pregação fiel da sua Palavra e a ação do Espírito Santo na conversão dos pecadores. Assim, quem ora por esse Reino também deve comprometer-se com a missão que Cristo confiou à Sua Igreja.

O Senhor da Igreja chama o seu povo, para estreitar o relacionamento com os valores desse reino, com esse ser que governa todo o corpo de Cristo, afastando-se dos valores corrompidos desse mundo, investindo numa devoção digna a esse reino, possibilitando assim de acordo com esse cumprimento um possível regozijo de avivamento.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Venha o teu reino", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho vivido sob o governo de Cristo ou ainda sou guiado pelos valores deste mundo? Minhas escolhas revelam submissão à vontade do Rei? Tenho buscado a expansão do Seu Reino por meio da obediência e do testemunho do evangelho? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se sua vida está verdadeiramente sujeita ao governo de Deus, evidenciando uma submissão indispensável para um genuíno avivamento.

4.5 SEJA FEITA A TUA VONTADE – HUMILDADE E QUEBRANTAMENTO

“Faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu”. O avivamento advindo sob o povo de Cristo acontece de acordo com a vontade do Soberano, e é essa vontade que o Senhor convoca aos seus discípulos de Cristo a submeter-se, deixando claro que é a vontade soberana de Deus que prevalece sob o avivamento, porém dentro dessa vontade, ele estabeleceu como instrumento da graça, a oração. É por

meio da oração também, que o Deus-Pai estabelece a sua vontade para derramamento do avivamento sobre o discípulo de Cristo, conforme 1 João:

“E esta é a confiança que temos nele, que, se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve. E, se sabemos que nos ouve em tudo o que pedimos, sabemos que alcançamos as petições que lhe fizemos.” (Bíblia 1 João 5,14-15, Online).

Não somente está restrito o dever da oração diante desse Deus de acordo com a vontade estabelecida em sua palavra. Alguns outros fatores da sua vontade, como renúncia, modo autêntico de conduta, pensamentos, obediência à palavra de Deus, ou seja, para que se possa possivelmente gozar da bênção de um avivamento advindo da parte dele, requer de todo o discípulo de Cristo, uma perfeita comunhão vivenciada em santidade ao Seu nome, esboçado através da vontade de Cristo estabelecida em tudo, abrindo mão de tudo em detrimento a consumação de sua vontade, isto é, requer uma atitude de quebrantamento que em síntese é submeter e alinhar a nossa vontade decaída, pela ação do Espírito, para alegremente viver de acordo com a vontade perfeita de Deus, preparando-se para desfrutar do avivamento de Deus, segundo a vontade e o tempo do Senhor.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Seja feita a tua vontade", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho submetido minha vontade à vontade do Senhor? Estou disposto a renunciar meus interesses para obedecer à sua Palavra? Meu coração tem sido marcado pela humildade e quebrantamento diante de Deus? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se sua vida está verdadeiramente rendida à vontade soberana de Deus, evidenciando um coração quebrantado, indispensável para um genuíno avivamento.

4.6 O PÃO NOSSO DE CADA DIA – DEPENDÊNCIA E GRATIDÃO

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”: Em comum acordo com essa petição está estabelecido implicitamente a vontade do Senhor para o discípulo de Cristo, e está esboçado nessa petição o espírito de gratidão ao Senhor que supre, de fato, as necessidades do corpo físico do Seu povo, conforme vontade estabelecida na palavra

do Senhor, convocando os cristãos a agirem como mordomo de tudo aquilo que foi concebido por Cristo, sendo gratos a Deus.

A dependência da provisão divina também desperta sensibilidade para com aqueles que sofrem necessidades. O Deus que supre Seus filhos chama sua Igreja a ser instrumento de misericórdia, compartilhando seus recursos e demonstrando, por meio do amor prático, a compaixão de Cristo ao mundo.

Então, essa petição se solidifica como uma consequência de uma autêntica adoração a Deus e intercessão por parte dos fiéis. A prioridade também aos serviços sociais, médicos, a todo o tipo de suprimentos básicos que produzem os desajustes sociais, chamando o seu povo a esboçar confiança nele, que tudo supre e mantém, os seus filhos, conforme a sua vontade tudo executa, sendo impossível pela palavra de Deus, um cristão autêntico negligenciar a sua vontade também quanto aos suprimentos das necessidades alheias.

É ensinado aos discípulos de Cristo a sentir a necessidade de viver em constante dependência de Deus, ficando implicitamente registrados atitudes de louvor e glória a esse Pai, de onde tudo procede. Partindo desse princípio contido nessa petição, o discípulo de Cristo deve viver de fato o louvor, o tributo a Deus e a dependência a Deus como modelo de vida, poderá presenciar do avivamento.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho vivido em dependência do Senhor ou confiado em meus próprios recursos? Meu coração é grato pelas provisões de Deus? Tenho sido um mordomo fiel e sensível às necessidades do próximo? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se sua vida revela dependência e gratidão ao Senhor, evidenciando uma confiança indispensável para um genuíno avivamento.

4.7 PERDOA-NOS – A ORAÇÃO QUE CURA A ALMA

“Perdoa-nos os nossos pecados, assim como nós temos perdoado a quem nos tem ofendido”: O princípio de confissão de pecados diante do Pai que tem poder tanto

para perdoar os pecados, quanto para trazer restauração. Sendo esse, um princípio fundamental para prova de um avivamento, pois anuncia em tese, que o discípulo de Cristo deve viver uma vida de santidade e purificação. Fugindo, e não preso a absolutamente nada ao que Deus tem repúdio ou as coisas incontestáveis por ele, que abomina o pecado.

Uma comunidade marcada pelo perdão torna-se poderoso testemunho do evangelho. Quando os discípulos vivem reconciliados, revelam ao mundo a eficácia da graça de Deus e demonstram que Cristo continua transformando vidas por meio do Seu evangelho.

A barreira do pecado é o que afasta o discípulo de Cristo para longe da presença de Deus e dos propósitos divinos. Esboçando como prioridade de vivência, o amor a Deus-Pai acima de todas as coisas. O discípulo de Cristo deve tratar esse Deus como Santo, viver de acordo com o caráter dele, esboçando em suas vidas uma vida de integridade e valores que correspondam de fato ao Deus que é Santo, na atitude de purificação e ação prática, quanto aos mandamentos impostos, e que está presente nessa petição, o desenvolvimento de espírito perdoador, que é impossível, viver um avivamento se não está tudo conforme estabelecido por Deus.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Perdoa-nos os nossos pecados", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho confessado sinceramente os meus pecados ao Senhor? Tenho cultivado um coração disposto a perdoar quem me ofendeu? Minha vida reflete arrependimento, santidade e restauração? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se sua vida evidencia um coração quebrantado e perdoador, indispensável para um genuíno avivamento.

4.8 LIVRA-NOS DO MAL – VIGILÂNCIA E PROTEÇÃO

“E não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal. Amém”: O princípio contido nessa petição revela em tese a onipotência de Deus e ao mesmo tempo a fragilidade e incapacidade dos cristãos em sua plenitude quanto aos perigos iminentes e a própria natureza pecaminosa do cristão, enaltecendo com isso, o poder do Deus

que se faz presente e é poderoso para guardar os seus de tropeços e para vos apresentar, com exultação, imaculados diante de sua glória, não diferente do derramamento do Espírito Santo que pode ser derramado sobre os discípulo de Cristo, que procede de Deus, não dependendo da fragilidade e incapacidade do ser humano, mas o discípulo de Cristo se mantendo em guarda na busca constante da operação desse Deus, de onde vem o auxílio e capacidade.

Da mesma forma procede o avivamento que é uma dádiva dele para benefício do seu próprio povo, sob a confiança dele, e o socorro vindo de sua parte para oferecer toda a restauração possível para seu próprio louvor e glória, como também para todo o corpo de Cristo e sociedade.

Entretanto, não excluindo a responsabilidade do discípulo de Cristo na preservação da saúde testemunhal e espiritual de todo corpo quanto ao viver santo que se deve viver, utilizando todas as ferramentas disponibilizadas por Deus, para a vivência de um avivamento espiritual.

CONEXÃO PESSOAL

Diante da petição "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal", algumas perguntas precisam ser respondidas diante de Deus: tenho vivido em vigilância e dependência do Senhor diante das tentações? Tenho buscado a proteção de Deus por meio da oração e da obediência? Minha vida evidencia confiança no poder de Deus para me guardar? Essas perguntas conduzem cada discípulo de Cristo a examinar se sua vida revela vigilância e dependência do Senhor, indispensáveis para um genuíno avivamento.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta obra, procurou-se demonstrar que a oração do Pai-Nosso não foi entregue por Jesus apenas como uma fórmula a ser repetida, mas como o modelo pelo qual o discípulo aprende a viver diante de Deus e do próximo. Em suas petições, Cristo resume as prioridades do Reino e conduz seus seguidores a uma vida marcada pela adoração, dependência, obediência e comunhão.

Fundamentada especialmente em Mateus 6.9–13, esta oração reúne, de forma prática, os princípios que Deus sempre desejou do seu povo. Assim como a Lei revela os deveres do homem para com Deus e para com o próximo, o Pai-Nosso conduz o discípulo a glorificar o Senhor acima de todas as coisas e a expressar essa comunhão por meio do amor, do perdão, da solidariedade e do cuidado com o próximo. Dessa forma, Jesus ensina que a verdadeira espiritualidade jamais separa a devoção a Deus da responsabilidade para com os outros.

Ao longo de cada petição, aprendemos que Deus deve ocupar o primeiro lugar em nossa vida. Seu nome deve ser santificado, Seu Reino desejado e sua vontade obedecida. Ao mesmo tempo, somos conduzidos a reconhecer nossa dependência diária da providência divina, a viver reconciliados pelo perdão recebido em Cristo, a perdoar aqueles que nos ofendem e a perseverar confiando na graça que nos sustenta em meio às tentações e às lutas desta peregrinação.

A oração ensinada por Cristo revela que o crescimento espiritual não consiste em multiplicar palavras, mas em conformar toda a vida à vontade soberana de Deus. Por meio desse precioso meio de graça, o Senhor fortalece a fé, transforma o caráter, conduz seus filhos à maturidade espiritual e os capacita a viver para sua glória.

Assim, o Pai-Nosso permanece como um chamado permanente à comunhão com o Pai. Mais do que orientar a maneira de orar, ele orienta a maneira de viver. Quando seus princípios governam o coração do discípulo, a oração deixa de ser apenas um momento da vida cristã e torna-se a expressão de uma existência inteiramente rendida ao senhorio de Cristo.

O discípulo que aprende a orar segundo o modelo de Cristo não permanece voltado apenas para si mesmo. Sua comunhão com Deus o impulsiona a servir, testemunhar e anunciar o evangelho, para que outros também conheçam o Pai revelado em Jesus Cristo. Assim, a oração e a missão caminham juntas: enquanto a

oração fortalece a Igreja, a Igreja, fortalecida pela oração, participa da expansão do Reino de Deus até que Cristo venha em glória.

Que esta obra desperte em cada leitor o desejo de conhecer mais profundamente o Pai revelado nas Escrituras, crescer em comunhão com ele e fazer da oração um exercício constante de adoração, dependência, santidade e amor ao próximo. Somente assim o Pai-Nosso cumprirá plenamente o propósito para o qual foi ensinado por nosso Senhor: conduzir Seus discípulos a viverem, todos os dias, para a glória de Deus.

SINOPSE – QUARTA CAPA

Este livro apresenta uma reflexão bíblica sobre a oração ensinada por Jesus em Mateus 6,9-13, conhecida como a oração do Pai Nosso. A obra conduz o leitor a compreender que o Pai-Nosso não é uma fórmula de palavras, mas um modelo divino que revela as prioridades do Reino de Deus e o caminho para uma comunhão genuína com o Pai.

Ao longo dos capítulos, o autor destaca a oração como expressão de relacionamento, diálogo e invocação ao Deus da aliança, mostrando sua centralidade na vida do discípulo de Cristo. São analisadas as primeiras petições da oração, que evidenciam a primazia da vontade de Deus — “teu nome”, “teu Reino” e “tua vontade” — ressaltando a relação direta entre o discípulo e o Senhor.

Em seguida, a obra aborda as petições relacionadas às necessidades humanas e comunitárias, revelando a dimensão coletiva da fé cristã: o cuidado mútuo, o perdão e a dependência diária de Deus. Por fim, o livro aponta para a esperança de um avivamento espiritual fundamentado na obediência aos princípios da oração ensinada por Jesus.

Este Livro convida o leitor a redescobrir a oração como prática viva, autêntica e transformadora, conduzindo-o a uma espiritualidade mais profunda e a uma vida alinhada à vontade de Deus.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jessé Calixto Oliveira. **Conduzindo a discípulo de Cristo segundo a oração paradigmática de Jesus**. Monografia (Graduação em Bacharel em Teologia) Seminário Teológico Presbiteriano Reverendo Ashbel Green Simonton. Rio de Janeiro, 2017. 57 p.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**/ Louis Berkhof; traduzido por Odayr Olivetti. - 4ª Ed. Revisada_ São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA, online ACF. **Bíblia Online**. ACF - Almeida Corrigida Fiel. 2020. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em: 27 dez. 2020.

BOFF, Leonardo et al. **A oração no mundo secular**. Petrópolis RJ: Vozes, 1971.

BRIDGES, Jerry. **A vida frutífera** / Jerry Bridges; tradução de SachudeoPersaud. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2010. 144 p.

CALVINO, João. **O Livro de Ouro da Oração**. Tradução: Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo. Editora Cristã Novo Século, 2003. 174 p.

CARSON, D.A. **O comentário de Mateus**. D.A. Carson; tradução Lena A ranha & Regina Aranha. — São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **O Pai Nosso**. São Paulo. Editora Cultura Cristã, 2001.

CULLMANN, Oscar. **A oração no Novo Testamento**. Santo André SP: Academia Cristã, 2009.

DANTAS, Ilário Dênis de Oliveira; MELO, Wescley Paulo Pereira de; CARVALHO, Ricardo Rubens Fernandes. **A oração na bíblia e nas comunidades cristãs**. Doity, 2019. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-af00383d031392e663a940864fc49c5d13707c94-arquivo.pdf> Acesso em: 18 set. 2021.

FERREIRA, Franklin. **Avivamento para a discípulo de Cristo: o papel do Espírito Santo e da oração na renovação da discípulo de Cristo** / Franklin Ferreira. - São Paulo: Vida Nova, 2015.

GRAFF, Anselmo Ernesto; SARMENTO, Dirléia Fanfa. **A oração do Pai Nosso: Fonte de consolo ou mera recitação?**. In: XII Fórum de pesquisa científica e tecnológica (Canoas), 2012.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

KELLER, Timothy. **Oração: experimentando intimidade com Deus** / Timothy Keller; tradução de Jurandy Bravo. - São Paulo: Vida Nova, 2016.

LLOYD, M.J. **Estudos no sermão do Monte**. São Paulo: Editora Fiel, 1984.

LOPES, Hernandes Dias. **As faces da espiritualidade**. São Paulo: Editora Candeia, 2000.

MARTÍN NIETO, Evaristo. **Pai nosso**: a oração da utopia. Tradução Alda da Anunciação Machado. São Paulo, Paulinas, 2001. (coleção Bíblia e história)

MASTERS, Peter. Por que levantar as mãos?. Monergismo, 2008. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. **Revista Sword and Trowel**. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/adoracao/levantar-maos_peter-masters.pdf
Acesso em: 24 ago. 2021.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento** / Leon Morris; tradução Hans UdoFuchs. – São Paulo: Vida Nova, 2003. 408 p.

PACKER, James Innell. **A oração do Senhor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

ROBERT, L, ZENAS, J. **Teologia Bíblica de oração**. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

Ryrie, Charles C. **A Bíblia anotada**: edição expandida/ Chrales C. Ryrie.- Ed. rev. E expandida.- São Paulo: Mundo Cristão; Barueri, SP: Sociedade Bíblia do Brasil, 2007. 1054 p.

SILVA, Markus. **O Sermão da Montanha**: o Sermão do Monte, Pai nosso que estás nos céus. Semeadores da Palavra, 2019. Disponível em: <https://br.markusdasilva.org/serie-orando-o-pai-nosso-com-poder-estudo-no-2-pai-nosso-que-estas-nos-ceus/>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SCHWERTLEY, Brian. **O que é uma tentação?**. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. 2007. Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/pecado_tentacao/o-que-tentacao_brian-schwertley.pdf Acesso em: 28 out. 2021.

STOTT, John. **A mensagem do Sermão do Monte**: Contracultura Crista. São Paulo: ABU Editora, 2008.

TERTULIANO, S. CIPRIANO, ORÍGENES. **Tratado sobre a oração**. Mosteiro da Santa Cruz, Juiz de Fora – MG, 2001.

VINE, W. E. Dicionário Vine: **O Significado Exegético e Expositivo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

BIOGRAFIA

Renan Gomes dos Santos é casado com Robélia Martins dos Santos. É graduado em Teologia, com ênfase em Missiologia (Betel Brasileiro, 2021), e licenciado em Educação Física pela Universidade Cruzeiro do Sul (2025). Atualmente, é graduando em Educação Física (Bacharelado) e pós-graduado em Administração Pública, Gestão Pública e Treinamento Funcional para Saúde e Condicionamento Físico.

Atua no ensino, na pregação e na evangelização, sendo um dos líderes da Oitava Igreja Evangélica Congregacional de João Pessoa, dedicando-se à reflexão sobre a espiritualidade cristã e ao crescimento do Reino de Deus, juntamente com a igreja local.



ISBN: 978-6-58351-420-2



9 786583 514202